

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS

Lucilene Assing

Todas as cestas no mesmo território: um estudo sobre as relações entre as cestas de produtos orgânicos e artesanais em venda direta praticadas pela Acolhida na Colônia e a abordagem das Cestas de Bens e Serviços Territoriais nas Encostas da Serra Geral

Florianópolis

2021

Lucilene Assing

Todas as cestas no mesmo território: um estudo sobre as relações entre as cestas de produtos orgânicos e artesanais em venda direta praticadas pela Acolhida na Colônia e a abordagem das Cestas de Bens e Serviços Territoriais nas Encostas da Serra Geral

Trabalho Conclusão do Curso de Especialização em Agroecossistemas do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Especialista em Agroecossistemas.
Orientadora: Dra. Marlene Grade.

Florianópolis

2021

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.**

Assing, Lucilene

Todas as cestas no mesmo território: um estudo sobre as relações entre as cestas de produtos orgânicos e artesanais em venda direta praticadas pela Acolhida na Colônia e a abordagem das Cestas de Bens e Serviços Territoriais nas Encostas da Serra Geral / Lucilene Assing; orientadora, Marlene Grade, 2021.

78 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Especialização em Agroecossistemas, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Agroecossistemas. 2. Desenvolvimento Territorial Sustentável. 3. Acolhida na Colônia. 4. Cesta de Bens e Serviços Territoriais. 5. Cesta de Produtos Orgânicos e Artesanais. I. Grade, Marlene . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em Agroecossistemas. III. Título.

Lucilene Assing

Todas as cestas no mesmo território: um estudo sobre as relações entre as cestas de produtos orgânicos e artesanais em venda direta praticadas pela Acolhida na Colônia e a abordagem das Cestas de Bens e Serviços Territoriais nas Encostas da Serra Geral

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Especialista” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Agroecossistemas.

Florianópolis, 17 de maio de 2021

Prof^a Dr^a Marlene Grade
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Marlene Grade
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Mestre. Anderson Luiz Romão
Avaliador
Universidade Federal Santa Catarina

Prof. Dr. Estevan Muñoz
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado com enorme carinho as agricultoras e aos agricultores da Acolhida na Colônia que transformaram e continuam transformando o idealismo em realidade.

AGRADECIMENTOS

À coordenação do curso, aos professores e a toda a equipe que tanto se empenhou por nós, alunos, e pela luta constante e incansável de manter o Curso do Pronera nesse momento difícil de desmonte do governo. Aos colegas da turma Marielle Vive, pelos ensinamentos e companheirismo, que apesar das dificuldades, não desistiram do curso.

À minha família, especialmente aos meus pais, que no final da década de 90, depois de muitas tentativas frustradas na agricultura, não desistiram e embarcaram em um novo projeto, de produzir sem veneno, agregar valor a esses produtos e comercializar para a cidade. Quem estava à frente desse projeto era o professor Wilson Schmidt, nascido em Santa Rosa de Lima, que estudou e se tornou professor da Universidade Federal de Santa Catarina e com seu conhecimento e idealismo motivou muitos agricultores da região das Encostas da Serra a iniciar um projeto diferente, a produção sem agrotóxico e a agregação de valor em agroindústrias, e assim meus pais iniciaram um novo projeto de vida, do qual os filhos faziam parte.

Ao professor Wilson Schmidt (*in memoriam*) por me apresentar o curso de agronomia, motivar-me a cursá-lo e me fazer sonhar com um futuro diferente. Indo atrás desse sonho conheci o projeto do Centro de Educação Popular (CEDED) e tive a oportunidade de frequentar um cursinho pré-vestibular gratuito em Florianópolis. Gratidão ao padre Wilson Groh, idealizador desse projeto. No CEDEP conheci a professora Marlene Grade, minha orientadora nessa monografia, que tive o prazer de reencontrar. Muito obrigada Mel, pela orientação, pelo apoio no passado e agora durante a realização deste curso, em que o maior presente foi poder te reencontrar.

Ao Professor Valério Turnes (ESAG/UDESC) e ao Docente Aposentado Wilson (Feijão) Schmidt (EduCampo/CED/UFSC) que, tendo lido uma versão preliminar deste TCC, indicaram que, nele, era preciso "mais a cara da Lucilene Assing", "mais da minha vida", "mais da experiência de trabalho que construí", "mais das redes que teci..." Essa perspectiva se somou à orientação segura da Professora Marlene, o que, por fim, deu "a fisionomia" deste texto.

E por último, e mais importante, ao Alden, meu querido e amado companheiro, que sempre esteve ao meu lado, que jamais me negou apoio, carinho e incentivo. Também não mediu esforços em tantos pedidos de ajuda em meio as dificuldades de informática. Sou muito grata por tê-lo na minha vida e pela família que estamos construindo.

As minhas raízes estavam aqui, local em que eu via um povo vítima de uma grande desigualdade e que não teve o acesso à escolaridade que eu tive. O que eu enxergava era a agricultura colonial que eu conhecia e respeitava sendo invadida pelo agronegócio. E esse me parecia, naquele momento, o grande problema: ter empresas organizadas que trazem tudo pronto e fazem o que bem entendem com os agricultores. Por isso, eu não queria fazer nada que imitasse o agronegócio.

Professor Wilson Schmidt, 2016.

Em memória deste ‘Mestre pelo exemplo’, que disse, há décadas, o que devo repetir hoje como um mantra, no início de cada dia de trabalho.

RESUMO

A partir de estudo empírico, esta monografia tem como objetivo contribuir para ampliar as reflexões sobre a aplicação, no Brasil, da abordagem das Cestas de Bens e Serviços Territoriais, seja na pesquisa sobre iniciativas de construção de territórios rurais, seja no próprio desenvolvimento delas. Assim, utilizou-se como método de pesquisa a observação participante, em que o pesquisador interage e vivência com os atores locais. O local de pesquisa foi a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia no Território das Encostas da Serra Geral, em Santa Catarina, que há cerca de 25 anos vem passando por um processo de desenvolvimento territorial sustentável, influenciado pelo desencadeamento da agroecologia e do agroturismo. Considerando esse processo de desenvolvimento territorial, o trabalho aborda o enfoque da Cesta de Bens e Serviços Territoriais, denominado em 1996 pelos professores franceses Amédée Mollard e Bernard Pecqueur, no sul da França (Baronnies), como compra interligada, ou seja, quando um produto de qualidade territorial é adquirido e o consumidor percebe a especificidade de outros produtos provenientes da produção local. A Cesta de Bens e Serviços Territoriais também é abordada como uma ação para a construção, na Acolhida na Colônia, do Território das Encostas da Serra Geral como um produto territorial. A motivação pela realização deste trabalho se deu pela dificuldade da construção desse território com base nos princípios da agroecologia e do agroturismo e por ser um tema ainda pouco estudado no Brasil, no entanto, sua abordagem tem potencial para contribuir com o fortalecimento do Desenvolvimento Territorial. Analisamos, neste trabalho, se as cestas de produtos orgânicos e artesanais da Acolhida na Colônia, iniciativa construída em março de 2020 em resposta à crise gerada pela pandemia no setor do agroturismo, contribuem para essa construção. Além da observação participante, a aplicação de um questionário complementou as informações analisadas e trouxe ricos relatos para o trabalho. Como resultado, o estudo indicou que o enfoque da Cesta de Bens e Serviços Territoriais, nas análises e nas ações, pode ser um significativo reforço à construção do território. Ao mesmo tempo, aponta que a oferta das cestas de produtos orgânicos e artesanais da Acolhida na Colônia, ao fazer com que muitos turistas e consumidores se relacionem com o território e com as famílias que nele produzem bens (os alimentos) e fornecem serviços (agroturísticos e outros) contribui para a abordagem das Cestas de Bens e Serviços Territoriais. Em síntese, o estudo serviu para reforçar a ideia de que a iniciativa das cestas de produtos orgânicos e artesanais contribui com o enfoque da Cesta de Bens e Serviços Territoriais e para o desenvolvimento do Território das Encostas da Serra Geral.

Palavras-chave: Acolhida na Colônia. Território. Desenvolvimento Territorial Sustentável. Encostas da Serra Geral. Cesta de Produtos Orgânicos e Artesanais. Cesta de Bens e Serviços Territoriais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Acolhida na Colônia - Diretoria eleita em 2001.....	20
Figura 2 - Mapa da região das Encostas da Serra Geral.....	25
Figura 3 - Encostas da Serra Geral, município de Grão Pará.....	26
Figura 4 - Encostas da Serra Geral, município de Anitápolis.....	27
Figura 5 - Corte de solo para classificação.....	27
Figura 6 - Cachoeira no município de São Bonifácio.....	28
Figura 7 - Corredeiras no município de São Bonifácio.....	29
Figura 8 - Corredeiras no município de São Bonifácio.....	29
Figura 9 - Balneário de águas termais no município de Santa Rosa de Lima.....	30
Figura 10 - Logomarca da Accueil Payusan e da Acolhida na Colônia.....	37
Figura 11 - Municípios associados da Acolhida na Colônia em Santa Catarina.....	38
Figura 12 - Municípios associados da Acolhida na Colônia no Rio de Janeiro.....	39
Figura 13 - Municípios associados da Acolhida na Colônia em São Paulo.....	39
Figura 14 - Componentes e articulações para construção da CBST.....	42
Figura 15 - Estrutura de agroturismo em propriedade associada à Acolhida na Colônia, município de Santa Rosa de Lima.....	46
Figura 16 - Produção agroecológica em propriedade associada à Acolhida na Colônia, município de Santa Rosa de Lima.....	47
Figura 17 - Paisagem de Santa Catarina, município de São Bonifácio.....	48
Figura 18 - Construções antigas em propriedade associada à Acolhida na Colônia construção enxaimel/traços da colonização, município de São Bonifácio.....	49
Figura 19 - Rótulos dos produtos da Agreco: recorte como desenho das Encostas da Serra Geral.....	51
Figura 20 - Gráfico comparativo de número de municípios e agricultores.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistematização da pesquisa.	21
Quadro 2 - Número de associados por município e estado.	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparativo das atividades de agricultura e agroturismo	59
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAAC	Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia
Agreco	Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral
AIRPP	Agroindústrias Rurais de Pequeno Porte
AMEOSC	Associação dos Municípios do Extremo Oeste de Santa Catarina
AMUREL	Associação dos Municípios da Região de Laguna
BID	Boletim Informativo Digital
CBST	Cesta de Bens e Serviços Territoriais
Apufsc	Sindicato de Professores da UFSC
DOC	Denominação de Origem Controlada
DTS IC – SC	Desenvolvimento Territorial Sustentável com Identidade Cultural na Zona Costeira de Santa Catarina
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
ESG	Encostas da Serra Geral
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MTUR	Ministério do Turismo
PIAMER	Projeto Intermunicipal de Agroindústrias Modulares em Rede
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFP	Unidades Familiares de Produção
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNICAMP	Universidade de Campinas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	13
1.2	OBJETIVOS	17
1.2.1	Objetivo Geral.....	17
1.2.2	Objetivos Específicos	17
2	METODOLOGIA.....	19
2.1	METODOLOGIA.....	19
2.2	UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA.....	20
2.3	AS RAÍZES E A CONSTRUÇÃO DESTE TCC	21
3	O TERRITÓRIO DAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL E SUAS ESPECIFICIDADES	24
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DE ESTUDO.....	24
3.1.1	Localização	24
3.1.2	Características Físicas	25
3.1.3	O processo de ‘colonização’ das Encostas da Serra Geral.....	30
3.2	O INÍCIO DE UM NOVO RURAL E A CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO	32
3.2.1	O Território das Encostas da Serra Geral	33
3.3	A ACOLHIDA NA COLÔNIA E SUA RESILIÊNCIA.....	35
4	CESTAS DE BENS E SERVIÇOS TERRITORIAIS: DA IDEIA A AÇÕES 41	
4.1	A ACOLHIDA NA COLÔNIA E A CONSTRUÇÃO DAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL COMO ‘PRODUTO’	41
4.2	PRODUTOS E SERVIÇOS DA ACOLHIDA NA COLÔNIA POTENCIAIS PARA FORMAR A CBST - O PRODUTO TERRITORIAL	43
5	A VENDA DIRETA DE CESTAS DE PRODUTOS ORGÂNICOS E ARTESANAIS E SUA POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO PARA O ENFOQUE CBST	53
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
	REFERÊNCIAS	66
	APÊNDICE A - Questionário.....	70

ANEXO A – Lista de produtos	71
ANEXO B - Boletim Informativo Digital	74

1 INTRODUÇÃO

Na década de noventa do século passado nasceram duas importantes iniciativas que mudaram a perspectiva de desenvolvimento da região – que é reconhecida, hoje, como Território – das Encostas da Serra Geral. Em 1996 foi fundada a Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (Agrego). Em 1999 foi criada a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (Acolhida na Colônia ou, simplesmente, Acolhida). As duas entidades foram constituídas em Santa Rosa de Lima, Santa Catarina, vistas como ferramentas para a implantação do projeto – ou do sonho – do professor Wilson Schmidt para o município e região onde havia nascido e vivido sua infância. Projeto que passou a ser também de muitos agricultores familiares e atores locais das Encostas da Serra. A agregação de valor, através da formação de uma rede de pequenas agroindústrias rurais, estava no centro das estratégias por ele pensadas para qualificar o desenvolvimento territorial. A concepção que esse fazedor de redes tinha à época estava em sintonia – o que foi possível constatar muito tempo depois – com o conceito, a abordagem ou o enfoque da Cesta de Bens e Serviços Territoriais (CBST), incluindo a construção de uma imagem de marca ligada ao local e ao modo – colonial e orgânico – de realizar agricultura.

A seguir serão apresentadas questões relacionadas ao problema do estudo.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

O processo de desenvolvimento territorial na região das Encostas da Serra Geral foi pensado, em seu início, em meados da década de 1990, como um modo de retomar as pequenas unidades de beneficiamento (moinhos, engenhos, atafonas, frigoríficos, açougues, queijarias etc.) "de antigamente", para que os automeados colonos pudessem ser "independentes das indústrias do agronegócio" (SCHMIDT, 2016, p. 27). Na região, a subordinação a esse tipo de empresa já acontecia na produção de fumo e nas granjas de aves e de suínos. No modelo de retomada então proposto, o colono seria a figura central e o processo de agregação de valor nas Agroindústrias Rurais de Pequeno Porte (AIRPP) aconteceria "numa relação de vizinhos" (SCHMIDT, 2016, p. 27).

Na virada da década de noventa para os anos 2.000, esse projeto estava – pelo menos em parte – implantado, com cerca de vinte e seis AIRPP prontas, distribuídas no território¹ e agregando valor aos seus produtos sem veneno. No início, a comercialização era realizada para supermercados situados principalmente em Florianópolis. Com o passar do tempo, de muitas crises e diversos desafios, a busca por estratégias de sobrevivência no mercado fez prevalecer a escolha pela comercialização dos produtos alimentares beneficiados ou transformados junto a redes de hiper e supermercados. Muitos dos pequenos produtores participantes das AIRPP não se adequaram à dinâmica focada na demanda do grande circuito, que exigia aumentos na produção agrícola, melhorias constantes das unidades agroindustriais, contratação de mão e obra e, algo muito pouco compatível com a proposta original, a aquisição de matéria prima de fora (de outras regiões de Santa Catarina, de outros estados da Federação e até do exterior, como foi o caso da importação de polpa de tomate orgânico, da Itália, para produzir molhos) (SCHMIDT, 2016).

A produção orgânica associada à implantação de agroindústrias familiares rurais de pequeno porte e dentro de uma estratégia voluntária de mudança no mundo rural que priorizava a melhoria da qualidade de vida de agricultores familiares passou a despertar o interesse de pessoas (agricultores, estudantes, professores, técnicos etc.) de diferentes localidades do estado e do país. O que, por sua vez, possibilitou pensar o desenvolvimento do agroturismo, com vistas a acolher os visitantes que iam à região conhecer a experiência. Com o passar do tempo, a recepção de turistas foi crescendo e passou a ocupar muito tempo dos agricultores envolvidos com esta atividade, seja na organização dos ambientes, seja na limpeza, seja na preparação e na prestação dos serviços ligados a hospedagens e refeições. No intuito de um retorno financeiro mais imediato, algumas unidades familiares de produção agrícola foram colocando a agricultura de lado (FANTINI, 2016).

Mais uma vez é possível constatar as dificuldades para manter o objetivo inicial – ou o sonho – que era, segundo Schmidt (2016, p. 27), "a construção de um 'local' com uma agricultura colonial forte e com pequenas agroindústrias de agricultores familiares". Nessas unidades, os colonos seriam os trabalhadores e os gestores, valorizariam para além das verduras, o queijo colonial e os derivados de porco, sempre visando construir uma imagem de marca

1 O Projeto Intermunicipal de Agroindústrias Modulares em Rede (Piamer) previa a implantação de 53 agroindústrias. Por uma série de percalços foram construídas, em um primeiro momento, essas vinte e seis. Para detalhes ver os diferentes capítulos da obra **Agroecologia sem agricultores locais?: uma reflexão sobre implicações da agroindustrialização em projetos de desenvolvimento sustentável de territórios rurais**, de Schmidt (2016), escritos por diversos autores. A perspectiva do ator social Wilson Schmidt está no Capítulo 1, de sua própria lavra.

ligada ao local e à agricultura colonial. Havia nesse olhar estratégico e voluntarista, sem que se soubesse então, muito da abordagem Cestas de Bens e Serviços Territoriais (CBST).

As CBST estão pautadas na singularidade do território por meio dos seus bens e serviços diferenciados – que compõem as cestas de forma composta e complementar, de maneira a atender às necessidades dos consumidores, que procuram, além de um produto de qualidade, o contato com a natureza, o saber fazer, o resgate histórico-cultural, a preservação das paisagens e dos recursos etc. (PAULA, 2019) Há relativamente poucas publicações sobre CBST no Brasil. Ao mesmo tempo, em Santa Catarina, existem relevantes pesquisas e estudos sobre que as tomam como referência. Por exemplo, em ordem cronológica:

- a) Litoral de Santa Catarina: A ação de pesquisa e desenvolvimento está relatada no artigo Dinâmicas Territoriais Sustentáveis Inovadoras na Agricultura Familiar: a Construção de Cestas de Bens e Serviços com Identidade Cultural em Santa Catarina (PINHEIRO et al., 2014). Ela foi realizada nos quadros do Projeto de Desenvolvimento Territorial Sustentável com Identidade Cultural na Zona Costeira de Santa Catarina (DTS IC – SC) que visava a implantação de uma ou mais CBST que valorizassem as dimensões cultural, social, econômica e ambiental e promovesse autonomia política e empoderamento das comunidades beneficiadas pelo Projeto. Entre os possíveis produtos que poderiam ser comercializados estavam "postas de tainha", filés de pescados, camarões, lulas, siris e mexilhões. A esses frutos do mar se juntariam frutas, legumes e verduras orgânicos, "geleias de frutas orgânicas de época", "farinha de mandioca de engenhos tradicionais", "cachaça de alambiques artesanais" e "açúcar mascavo de antigos engenhos", todos para vender no mercado institucional local, mais especificamente a "merenda escolar das redes municipais de educação" (PINHEIRO et al., 2014, p. 110). Considerava-se que também poderiam participar das CBST dos diferentes territórios agências de turismo, pequenas pousadas, restaurantes típicos, ranchos de pesca artesanal, assim como engenhos de farinha tradicionais ligados ao turismo de base cultural e comunitária (PINHEIRO et al., 2014).
- b) Serra Catarinense: Esta região foi escolhida para a pesquisa de mestrado de Leandro Guimarães Nunes de Paula (PAULA, 2019), intitulada Cesta de Bens e Serviços Territoriais: uma possível estratégia de desenvolvimento territorial para a Serra Catarinense? O potencial para o desenvolvimento rural a partir da valorização de bens e serviços específicos na Serra Catarinense foi constatado durante uma visita na região,

em 2017, realizada por uma equipe de pesquisadores de diversas instituições² e que contou com a presença do professor francês Bernard Pecquer, pioneiro na discussão do tema CBST. Com base na sua pesquisa, Leandro de Paula apontou como "recursos e ativos específicos mais significativos no território": o queijo serrano, a maçã, os vinhos de altitude, o mel de melato e o turismo rural (PAULA, 2019, p. 62).

- c) Extremo Oeste de Santa Catarina: Resultados do estudo efetuado na área da Associação dos Municípios do Extremo Oeste de Santa Catarina (Ameosc) compõem o artigo Desenvolvimento Territorial no Extremo Oeste de Santa Catarina: a Abordagem da Cesta de Bens e Serviços Territoriais. A escolha daquela região observou o fato dela ser formada por dezenove municípios rurais, todos distantes de grandes centros urbanos e com suas economias dependentes de atividades agropecuárias, assim como "a existência de iniciativas que buscam valorizar recursos territoriais específicos na linha preconizada pelo enfoque da CBST" (TECCHI et al., 2021, p. 03). A pesquisa identificou como principais produtos e serviços da CBST desses municípios a "Oktoberfest de Itapiranga", "as sementes crioulas" e os "produtos coloniais, com importante presença de agroindústrias familiares". Eles seriam complementados com "experiências de turismo" (especialmente de aventura e histórico-cultural); "locais para a realização de eventos e para lazer"; "tríplice fronteira" e artesanato (TECCHI et al., 2021, p. 17). Destaca-se que esse estudo verificou que havia "grande possibilidade de valorizar ativos e desencadear novas mobilizações de recursos via o turismo rural, de aventura e histórico/cultural", uma vez que parcela da atividade turística existente contempla habitantes na própria região ou de regiões vizinhas (TECCHI et al., 2021, p. 17).

Pode-se constatar que, nas regiões apresentadas acima, as atividades turísticas estão presentes como potenciais para compor as CBST. O mesmo ocorreu nas Encostas da Serra Geral, especialmente com o agroturismo, proposto e coordenado pela Acolhida na Colônia. É relevante sublinhar para a análise aqui realizada que a atividade surgiu no território com o objetivo de ser um complemento à agricultura ecológica. Essa complementação é, aliás, uma questão de princípio para o agroturismo, desde a criação da pioneira *Accueil Paysan*, na França. (veja-se Seção 3.3)

Neste quadro, foram estabelecidos os objetivos deste estudo.

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), Secretaria do Estado de Planejamento e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

1.2OBJETIVOS

1.2.1Objetivo Geral

Contribuir, a partir de estudo empírico, para ampliar as reflexões sobre a aplicação, no Brasil, da abordagem das Cestas de Bens e Serviços Territoriais, seja na pesquisa sobre iniciativas de construção de territórios rurais, seja no próprio desenvolvimento delas.

1.2.2Objetivos Específicos

- a) Analisar se as "cestas de produtos orgânicos e artesanais", propostas pela Acolhida na Colônia, durante a pandemia da Covid-19, contribuiu para – ou fortalece – a aplicação do enfoque de Cestas de Bens e Serviços no Território em construção das Encostas da Serra Geral.
- b) Indicar quais são os produtos e serviços da Acolhida na Colônia que podem contribuir no enfoque da Cesta de Bens e Serviços Territoriais na Acolhida na Colônia Encostas da Serra Geral;

Para a consecução desses objetivos, esta monografia foi estruturada em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Inicialmente, no capítulo 2, são apresentados ao leitor os procedimentos metodológicos adotados neste exercício acadêmico. Em seguida, no capítulo 3, para que se entenda melhor o contexto do processo descrito e analisado, é apresentada a região das Encostas da Serra Geral, a sua construção social como território rural e, para este estudo, a principal organização não governamental, a Acolhida. Depois, no capítulo 4, trabalha-se a abordagem, ou enfoque, das Cestas de Bens e Serviços Territoriais, refletindo sobre a sua aplicação, implícita, mais do que, de fato, por ela orientada nas ações da Acolhida e de outras entidades atuantes no processo de desenvolvimento das Encostas da Serra Geral. Finalmente, o capítulo 5, que representa uma contribuição, pequena, mas nova e própria, ao debate. Nele é descrita e analisada uma experiência muito recente realizada na Acolhida: as cestas de produtos orgânicos e artesanais, comercializadas em circuito curto e venda direta para moradores, sítiantes e turistas visitantes frequentes do Território. O que se busca pensar é se essa iniciativa contribui para – ou fortalece – a aplicação do enfoque de Cestas de Bens e

Serviços Territoriais na Acolhida na Colônia, ou seja, se uma cesta contribui para a outra. As considerações finais buscam sistematizar os principais resultados e os raciocínios que eles desencadearam.

2 METODOLOGIA

2.1 METODOLOGIA

Primeiro, é preciso considerar os altos graus de envolvimento e de integração da autora com a organização estudada neste trabalho. Trata-se de um período de mais de dez anos (2010 a 2020) de uma experiência vivenciada. Assim, pode-se considerar que para responder aos questionamentos postos neste estudo foi mobilizada uma observação direta de longo prazo.

No período específico da pesquisa para esta monografia houve a observação participante das muitas reuniões das cestas realizadas. Como é sabido, a observação participante é um "método qualitativo" ou "técnica de pesquisa" em que a participação do pesquisador dentro do grupo a ser observado se dá de maneira a que ele possa interagir e vivenciar com os atores locais. O tempo dessa participação deve ser suficiente para que o pesquisador sinta o que significa estar naquele contexto (CRUZ NETO, 2002)

Para realizar uma análise com mais riquezas de dados "primários" do processo de implantação das "cestas de produtos orgânicos e artesanais em venda direta" propostas durante a pandemia da Covid-19, foi realizada a aplicação de um breve questionário (Apêndice A), enviado pelo WhatsApp. Optou-se pelo uso desse aplicativo, primeiro, porque é uma forma de comunicação importante no interior da Acolhida na Colônia Encostas da Serra Geral (ESG), sendo frequente seu uso pelos agricultores para informar ou ser informado sobre questões relevantes. Depois, porque tal uso permitia evitar o contato pessoal, não recomendado no período de pandemia. O total de associados da Acolhida ESG é de vinte e sete Unidades Familiares de Produção, que aqui são referidos como vinte e sete agricultore(a)s. Desses, doze forneceram alimentos às "cestas de produtos orgânicos e artesanais em venda direta". Nove com suas Unidades Familiares de Produção (UFP) situadas em Santa Rosa de Lima e os três outro(a)s de três municípios diferentes. Onze deles receberam o roteiro³. Nove deram retorno, sendo seis de Santa Rosa de Lima e os demais aqueles de três municipalidades variadas. Um dos retornos foi parcial, sendo respondidas três das seis questões (um, dois e seis – nesse último caso, apenas o percentual). Ou seja, alcançou-se o expressivo percentual de 75% de retorno em relação ao total. As respostas foram degravadas, quando recebidas no formato áudio, ou simplesmente convertidas para um processador de textos, juntadas, sistematizadas e analisadas.

³ Um agricultor, com oitenta anos, apesar de muito dinâmico e de possuir celular, não utiliza o WhatsApp.

Foi efetuada, ainda, uma análise documental em registros, atas de reuniões, relatórios de campo e sínteses de diagnósticos participativos que apontam o que tem em cada propriedade, por exemplo: pousada, produção de geleias, observação de pássaros, casa antiga etc., da Acolhida na Colônia Encostas da Serra Geral. Considere-se que a pandemia do SarsCov-2 prejudicou, no período previsto para o campo, possíveis contatos diretos e, sobretudo, a realização de encontros.

2.2 UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

A pesquisadora é integrante (filha) de uma das famílias fundadoras da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia. Fez, ainda, parte da sua Diretoria-executiva em 2001 (Figura 01) e trabalha há mais de dez anos como agrônoma responsável por prestar assistência técnica aos agricultores associados. A seleção da Acolhida na Colônia para a realização da pesquisa foi motivada, justamente, pelo acesso a informações estratégicas, seja em arquivos físicos ou digitais.

Figura 1 - Acolhida na Colônia - Diretoria eleita em 2001.



Fonte: Arquivos da Acolhida na Colônia.

Dados também foram coletados de maneira não sistemática em reuniões e treinamentos realizados, em apresentações de ações e procedimentos para os associados e em conversas informais nos intervalos de café. Nenhuma dessas conversas foi gravada.

Para operacionalizar o estudo, foi elaborado um quadro de pesquisa contendo elementos relevantes da vivência, destacando ações, benefícios e dificuldades experimentadas. Foram estabelecidos, na mesma perspectiva, procedimentos para validar o estudo, tendo em conta o posicionamento do pesquisador. Tais procedimentos, observados para obter confiabilidade e validade, serão comentados na continuidade.

Quadro 1 - Sistematização da pesquisa.

Ações	Etapas no Campo	Observação	Conclusão
Ações durante a pesquisa e sua avaliação	<ul style="list-style-type: none"> - Preparação da pesquisa: tema, metodologia de análise, formas de coleta dos dados; - Seleção da organização; - Conhecimento preliminar do campo; - Divulgação dos objetivos (preliminares) da pesquisa; - Explicação do papel da pesquisadora; - Benefícios: acesso às informações estratégicas; Dificuldades: confiança no trabalho da pesquisadora. 	<ul style="list-style-type: none"> - Registro de coleta de documentos, análise de documentos e relatórios; - Participação em reuniões e eventos; - Aplicação de um breve questionário para onze associados que comercializam seus produtos através das cestas de produtos orgânicos e artesanais da Acolhida na Colônia; - Manutenção da capacidade; - Benefícios: captura dos microfenômenos que ocorrem no dia a dia da Associação; - Dificuldades: seguir um cronograma de trabalho devido à pandemia do Coronavírus. 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos dados; - Redação dos resultados, desenvolvendo um fio condutor para compreensão dos leitores; - Benefícios: identificação dos pontos críticos para implantar as cestas de bens e serviços territoriais; - Dificuldades: não poder realizar as reuniões devido à pandemia do Coronavírus.
Confiabilidade do processo e validade dos resultados	<ul style="list-style-type: none"> - Estruturação de um protocolo de pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Triangulação dos dados, revisita aos dados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos resultados.
Posicionamento da pesquisadora/observadora	<ul style="list-style-type: none"> - Definição inicial do papel da pesquisadora. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reafirmação do papel do pesquisador perante o grupo; - Afastamento periódico do campo; - Introspecção. 	<ul style="list-style-type: none"> - Introspecção; - Comparação das observações com a teoria.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

2.3 AS RAÍZES E A CONSTRUÇÃO DESTE TCC

O desenvolvimento desta monografia contou com a contribuição de atuais e antigos dirigentes da Acolhida na Colônia e de muitas famílias associadas. Como já foi mencionado, a motivação pelo tema deste trabalho está fortemente ligada à trajetória profissional da autora e,

mais do que isso, à sua vida. Ela nasceu e cresceu em Santa Rosa de Lima, um município rural de Santa Catarina. Junto a seus pais, presenciou a dificuldade de permanecer no campo com dignidade e com qualidade de vida. A família tentou desenvolver várias atividades – gado de leite, carvão vegetal, feiras de hortifrúti, aviário de postura, fumiçultura, mas nenhuma deu certo. Os insucessos – que os membros da família pensavam ser de sua exclusiva responsabilidade, os faziam desacreditar cada vez mais da agricultura. Esta situação foi revertida com o surgimento da Agreco e da Acolhida, associações de estímulo à agroecologia e ao agroturismo. Naquele momento, a perspectiva de vida da autora mudou. Participando sempre, com a família, nos encontros e formações promovidas por essas duas entidades, começou a ouvir do professor Wilson Schmidt: “essa vai ser agrônoma”. Tal possibilidade não tinha passado pela cabeça daquela "coloninha". Não estava em sua perspectiva de vida. Depois de ouvi-lo repetir, a cada reunião, esse mantra, contudo, a autora passou a acreditar e a sonhar com essa profissão. Em consequência, em 2009, formou-se em Agronomia. E em uma "Universidade Federal" (a de Santa Catarina). Logo em seguida, "voltou" a Santa Rosa de Lima e passou a trabalhar com assistência técnica para agricultores associados à Acolhida na Colônia, o que faz até hoje. O foco de sua atuação profissional sempre esteve no desenvolvimento do agroturismo e da agroecologia, vistas como alternativas de diversificação das unidades familiares de produção agrícola, como importantes fontes de geração de renda e de agregação de valor, assim como oportunidades para jovens e mulheres. Uma questão de fundo sempre esteve presente: a aproximação dos agricultores familiares com os consumidores urbanos de bens e serviços por eles ofertados. Esse "achegamento" campo e cidade era uma das bases do "sonho" do professor Wilson Schmidt. Assim como era a construção de "uma imagem de marca ligada ao local e à agricultura colonial". Com ela, a autora buscou contribuir, em todo esse período de mais de dez anos de atividade laboral. Destarte, esse Trabalho de Conclusão de Curso é visto como parte deste esforço.

Definida a Acolhida na Colônia como foco do estudo, para a delimitação da área de observação considerou-se a região de origem da autora, na qual a mesma possui mais tempo de atuação: o Território das Encostas da Serra Geral. Julgou-se, seguindo Minayo (2002), que é importante o pesquisador ter aproximação do seu campo de observação, para melhor compreensão das necessidades e soluções. No presente caso, relacionadas à Cestas de Bens e Serviços Territoriais.

A seguir, com base em revisão bibliográfica, será apresentada uma caracterização do "território de observação". Em seguida, coloca-se diante do leitor a Acolhida na Colônia.

Depois, trabalha-se a Cesta de Bens e Serviços Territoriais. Fique claro que Cesta de Bens e Serviços Territoriais pode ser vista como conceito e como abordagem (ou enfoque) de análise (na pesquisa) ou de ação no desenvolvimento rural. Considerando os limites de uma monografia de um Curso de Especialização, não caberia ousar participar do debate teórico. Trata-se, muito mais, de refletir sobre a possível contribuição do que surgiu como uma iniciativa "de sobrevivência" – que parecia, a princípio, de curto prazo – durante a Pandemia da Covid-19, para uma possível estratégia de longo prazo ligada à abordagem de Cestas de Bens e Serviços Territoriais. Além disso, a partir da análise da mesma iniciativa, buscar apontar "produtos e/ou serviços" que possam compor uma Cesta de Bens e Serviços Territoriais nas Encostas da Serra Geral, tendo, como polo, a Acolhida na Colônia.

Torna-se importante, por isso, apresentar esse Território, assim como a Associação.

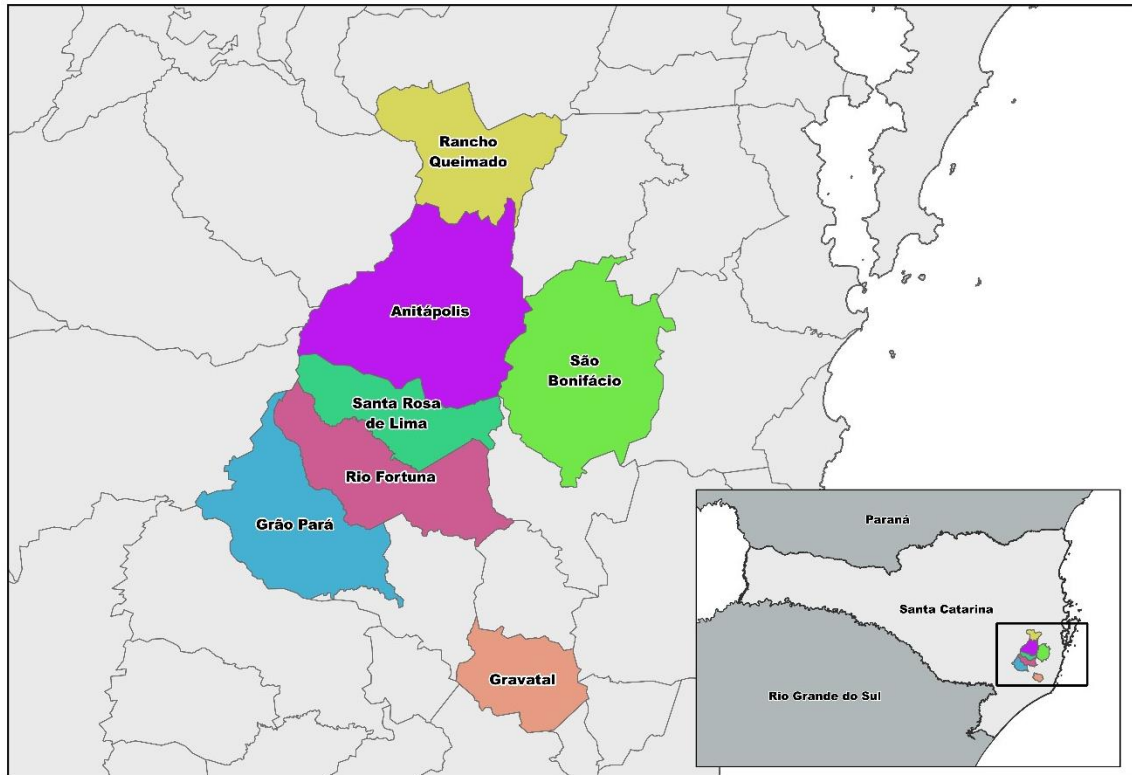
3 O TERRITÓRIO DAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL E SUAS ESPECIFICIDADES

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DE ESTUDO

3.1.1 Localização

Os municípios do Território das Encostas da Serra Geral que compõem o estudo são: Rancho Queimado, Anitápolis, São Bonifácio, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna, Grão Pará e Gravatal, conforme Figura 2. Neles, estão localizados os associados da Acolhida na Colônia Encostas da Serra. Esses municípios estão situados no Sudeste de Santa Catarina e todos fazem divisa ou estão próximos do paredão da Serra Geral (GUZZATTI; TURNES; BASTEZINI, 2012). O professor Wilson Schmidt (2016) costumava dizer, em reuniões de motivação, que já haveria, ou seria fácil criar, uma identidade territorial, uma vez que "para ter senso de pertencimento às Encostas da Serra bastava ver, de seu município, aquele abismo vertical", ou seja, os "aparados da Serra", na transição do planalto para a planície litorânea. A região é estratégica para a preservação dos recursos naturais, uma vez que representa um corredor ecológico entre o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o Parque Nacional de São Joaquim e o Parque Estadual da Serra Furada. Ela concentra, ainda, os principais afluentes do Rio Braço do Norte e do Rio Cubatão (OUROFINO, 2011).

Figura 2 - Mapa da região das Encostas da Serra Geral.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Sublinhe-se que o município de Santa Rosa de Lima tem grande importância no estudo por ter o maior número de associados da Acolhida na Colônia, por sediar a Associação e por ter o título de Capital Catarinense da Agroecologia. Com uma área de 203 quilômetros quadrados, latitude sul de 28°02'21 e longitude de 49°07'40 a oeste de Greenwich, localiza-se no Vale do Rio Braço do Norte e, com dezesseis outras municipalidades, integra a microrregião de Tubarão, na mesorregião Sul Catarinense. Do ponto de vista administrativo, pertence à Associação dos Municípios da Região de Laguna (Amurel), sediada na cidade de Tubarão, 80 quilômetros distante (GRADE, 2006). Em relação à capital do estado, está a 120 km de Florianópolis, pelo acesso da BR 282, e a 215 km, pelo acesso da BR 101.

3.1.2 Características Físicas

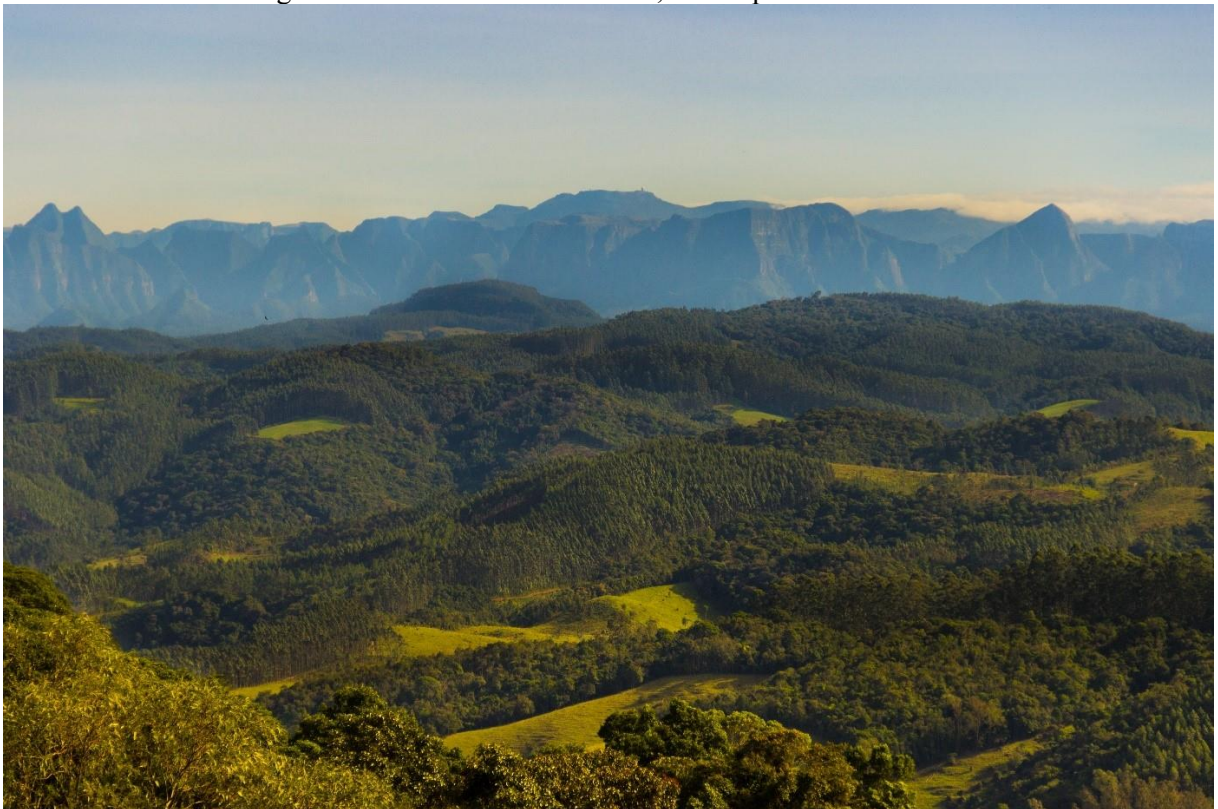
O clima no Território das Encostas da Serra Geral é classificado como mesotérmico úmido, com temperatura média anual entre 16°C e 20°C, predominando verões quentes e média de precipitação anual de 1600 mm. A vegetação predominante é a Floresta Ombrófila Densa

(Mata Atlântica) e o relevo caracteriza-se por ser ondulado e montanhoso, com altitudes variando de 200 a 1600 metros (ANDRADE, 2003).

Fazendo parte desse território de atuação da Acolhida na Colônia está a Bacia Hidrográfica do rio Cubatão do Sul. Ela tem importância estratégica para a região da Grande Florianópolis porque nela estão os mananciais de captação para abastecimento de água de cinco de seus municípios: Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, São José, Biguaçu e Florianópolis, o que significa, aproximadamente, setecentos mil habitantes (GRADE, 2006).

O relevo no Território das Encostas da Serra Geral, demonstrado pelas Figuras 3 e 4, em sua geomorfologia apresenta-se ondulado a fortemente ondulado. Com altitudes variando entre 200 e 1.200 metros, o complexo granítico prevalece em sua base geológica. Nessa região podem ser encontrados recursos minerais como: água mineral, água termal, fluorita, brita, feldspato, rochas ornamentais, caulim, areias, calcário, saibro e rochas de granito e de basalto. As classes de solo mais comuns são os argissolos vermelho-amarelos e os cambissolos (Figura 5), mais ou menos profundos, ácidos e de fácil erosão em condições de declividade, geralmente possuem baixa fertilidade natural (GRADE, 2006).

Figura 3 - Encostas da Serra Geral, município de Grão Pará.



Fonte: Marcelo Castro de Oliveira / Tainá de Castro Rodrigues (2019), Arquivos da Acolhida na Colônia.

Figura 4 - Encostas da Serra Geral, município de Anitápolis.



Fonte: Andriely Schafer (2021), Arquivos da Acolhida na Colônia.

Figura 5 - Corte de solo para classificação.



Fonte: Lucilene Assing, 2020.

A vegetação, originalmente composta pela Floresta Ombrófila Densa (Mata Atlântica) e floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária), pode ainda ser encontrada em áreas de preservação, em locais mais isolados, de difícil acesso e de encosta. O desmatamento ocorreu com a colonização e a extração de madeira para dar lugar a áreas de cultivo e pastagens, essencial para a subsistência das famílias que ali construíam suas vidas. Há, também, o predomínio de florestas de vegetação secundária em diferentes estágios de regeneração que se desenvolveram após o abandono de algumas áreas de cultivo ou pelo pousio. Existem, da mesma forma, áreas de reflorestamento com espécies exóticas, notadamente o eucalipto, mas também o pinus (GRADE, 2006).

Em relação à atividade turística, a região é muito rica em recursos naturais paisagísticos, como cachoeiras, rios, montanhas, serras e fonte de água termal e mineral, conforme demonstrado nas Figuras 6 a 9, que têm ganhado crescente valorização nos últimos vinte anos (GELBCKE, 2006).

Figura 6 - Cachoeira no município de São Bonifácio



Fonte: Lucilene Assing, 2019.

Figura 7 - Corredeiras no município de São Bonifácio.



Fonte: Lucilene Assing, 2019.

Figura 8 - Corredeiras no município de São Bonifácio.



Fonte: Lucilene Assing, 2021.

Figura 9 - Balneário de águas termais no município de Santa Rosa de Lima.



Fonte: Lucilene Assing, 2021.

3.1.30 processo de ‘colonização’ das Encostas da Serra Geral

Conhecer a história do Território das Encostas da Serra Geral é importante para permitir identificar os diversos tipos de ações que aconteceram e acontecem nesse local, como eles são deduzidos pelas pessoas e até que ponto as regras de utilização dos recursos do território e da população influenciam certos hábitos e comportamentos (AZEVEDO; SCHMIDT; KARAM, 2011).

Anteriormente à chegada dos "colonos", ocupavam a região diferentes grupos indígenas: Tupi-Guarani, Kaingang e Xokleng (GRADE, 2006). Recorde-se que a colonização europeia em Santa Catarina teve início a partir do início do século XIX com a fundação da primeira "colônia", a de São Pedro de Alcântara (1829). Tal "colonização" ocorreu através de uma política do Governo Imperial que visava à ocupação das terras "do sertão", estrategicamente importantes para delimitar e proteger as fronteiras que estavam sendo ameaçadas pelos Espanhóis do Prata (GRADE, 2006). Mais tarde, contudo, essas políticas passaram a ser executadas por companhias privadas. E, no caso de boa parte da área que hoje compõem o Território das Encostas da Serra Geral, o apoio dos governos não aconteceu. Desta forma, os "colonos" tiveram que contar com a própria iniciativa na estruturação da ocupação inicial em

uma região de difícil acesso e sem uma mínima infraestrutura básica disponível – estradas e comunicação, principalmente (GUZZATTI, 2010).

Segundo Grade (2006), em 1860, houve um incentivo aos "colonos" de São Pedro de Alcântara para ocupar terras em Teresópolis (hoje, um bairro do município de Águas Mornas), mediante demarcação e doação de lotes, implantação de serviços básicos em uma área comum, fornecimento de insumos para o início das atividades agrícolas. As poucas áreas planas foram escolhidas para as pastagens de gado e dos porcos e as encostas destinadas aos cultivos, constituindo um "modelo" que marcará a região: pequenas propriedades familiares com policultura vegetal combinada com criação animal.

De novo em busca de terras melhores, a partir de 1870, os colonos de Teresópolis seguiram "rio acima", e começaram a ocupar os Vales do Rio Braço do Norte e do Rio Capivari, fazendo surgir novos povoados. Primeiro, São Ludgero; seguido por Braço do Norte, Rio Fortuna, Grão Pará e, por último, Santa Rosa de Lima. Repita-se que essas novas "colônias" se formaram por iniciativa dos próprios "colonos", sem o apoio dos governos (imperial ou provincial) ou das empresas colonizadoras. A ocupação aconteceu principalmente nas margens dos rios, onde os agricultores familiares iniciaram os cultivos e construíam moradia, estrebaria, paiol e chiqueiro. Em decorrência do manejo agrícola utilizado, da construção de estradas e de instalações, é possível determinar que as particularidades próprias do processo de colonização foram decisivas na configuração da paisagem cultural e da arquitetura, que conseqüentemente, identificam as particularidades que marcam a região do Território das Encostas da Serra Geral (GRADE, 2006; GUZZATTI, 2010).

Conforme os "colonos" se instalavam nas terras, aumentavam a produção para ter um excedente para a venda. As mercadorias (banha, carne de porco salgada, charque, toucinho, feijão, milho e batata inglesa) eram levadas em cargueiros até o porto de Gravatá (atual município de Gravatal) e depois seguiam viagem em barcos até Laguna. Com essas vendas, as famílias adquiriam roupas, armas, querosene, fósforo, instrumentos agrícolas, entre outros. (GUZZATTI, 2010).

Entre as novas pessoas que chegavam à região – agora diretamente da Europa – havia, além de agricultores, outros profissionais com multiplicidade de conhecimentos, o que permitiu a construção de pequenas unidades de beneficiamento, como atafonas, engenhos (de farinhas, ou de açúcar, melado e cachaça), serrarias tocadas com roda d'a água, olarias e marcenarias (GRADE, 2006). É necessário registrar que como decorrência dessa crescente "ocupação" das terras da região, aumentaram os conflitos com os índios que nela viviam. Essas populações

acabaram sendo exterminadas, ainda que suas reações representassem apenas uma tentativa de preservar o território que lhes pertencia (GUZZATTI, 2010). Ao mesmo tempo, os colonizadores europeus, buscavam novas terras baseados em promessas de um bem-estar que não tinham em seu país de origem. Chegaram desprovidos de capital e a única possibilidade de vida foi se tornarem pequenos proprietários agrícolas. A prosperidade deles, à época, não ia além de uma alimentação farta, produzida na própria propriedade e beneficiadas em pequenas unidades na região (GRADE, 2006).

3.2 O INÍCIO DE UM NOVO RURAL E A CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO

Para melhor compreender esse processo de construção é importante definir primeiro os termos novo rural e território.

No quadro de uma onda de valorização do espaço rural, guiada por questões ecológicas, preservação da cultura local, lazer ou para moradia, houve o estímulo a novos segmentos no turismo: o ecológico, rural, de base comunitária, agroturismo. Essa nova forma de valorização do espaço rural veio a remodelar as atividades nele existentes (GROSSI, 1999), havendo um crescente aumento das dinâmicas geradoras de atividades rurais não-agrícolas e da pluriatividade no interior das famílias rurais. Essa nova configuração do meio rural brasileiro recebeu o nome de Novo Rural Brasileiro. Esse batismo foi feito pelos professores José Graziano da Silva e Rodolfo Hoffmann, do Núcleo de Estudos Agrícolas, do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp). O novo nome considerava que o rural incorporou atividades até então consideradas como hobbies ou pequenos empreendimentos, havendo a transformação delas em negócios rentáveis. Assim, multiplicaram-se os pesque-pague, os sítios de lazer, as casas de campo, as fruticulturas, as floriculturas, além de uma série de serviços, como restaurantes, pousadas, quartos coloniais, cafés "na colônia" etc. (IZIQUE, 2000).

Já a noção de território é fundamental para planejar as ações de desenvolvimento rural ou local e para pensar a atuação dos atores sociais – sejam eles indivíduos ou instituições – na governança local, especialmente em políticas públicas que visem à redução da pobreza, à geração de renda ou à qualidade de vida. Lima, Silva e Forno (2015) apresentam uma discussão referente aos diversos conceitos de Território, a partir de uma seleção de autores que tem desenvolvido estudos de importante relevância sobre a temática. Nesse estudo, trabalhou-se com o seguinte conceito de Território:

(...) é um espaço de vida, de cultura e de potencial de desenvolvimento, construído através do dinamismo dos seus habitantes e da confrontação dos espaços individuais dos atores nas suas dimensões econômicas, socioculturais e ambientais. O território não se opõe ao espaço-lugar funcional, ele o complexifica, constituindo uma variável explicativa suplementar. (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009, p. 37)

Entende-se o território como o resultado de uma construção social, reflexo da presença de identidade, linhas políticas, econômicas e sociais. Ele apresenta uma dimensão material e imaterial-institucional, podendo ser compreendido como um espaço socialmente organizado, sendo, dessa forma, um ator do desenvolvimento (RIBEIRO, 2019). Dizendo de outra forma, o território é modelado por ações e representações do passado e de projeções que as sociedades idealizam para o futuro, mediante os interesses correlacionados com cada grupo de atores. O espaço tem também características próprias, como clima, relevo, paisagem, que influenciam os projetos sociais, os quais, por sua vez, determinam a organização e as funções do espaço por meio de ações governamentais e de produção de bens e serviços (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009).

No que nos interessa mais de perto nesse estudo, devem ser levados em conta, nas dinâmicas territoriais, fenômenos como a conservação de sistemas produtivos familiares, considerados como formas de resistência, de adaptação, ou mesmo, de inovação. Porque as dinâmicas territoriais podem ser entendidas como o resultado das interações entre os componentes econômicos, sociais, ambientais e espaciais do território (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009). Desta forma a construção social de um território pode contribuir para:

Promover a agricultura familiar, no sentido de garantir sua reprodução social estruturalmente ameaçada;
 Promover o desenvolvimento territorial, ao reconhecer e estimular as múltiplas contribuições dos diferentes segmentos da agricultura familiar para as questões sociais, ambientais, culturais e econômicas de um território. (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009, p. 63-64)

3.2.10 Território das Encostas da Serra Geral

Pode-se considerar que a construção social do Território das Encostas da Serra Geral tem início na metade da década de 1990. Naquele período, a região era marcada pelo abandono e os colonos nela residentes estavam descrentes: não queriam mais aquele lugar e aquela vida para eles. Muito menos para seus filhos. Depois de tantas tentativas, sem sucesso, para permanecer no campo, enfrentam uma crise da fomicultura, então atividade principal da quase

totalidade de unidades familiares de produção. O êxodo rural passou a ser a principal alternativa. Acreditava-se que só na cidade haveria um futuro e uma possibilidade de progresso. A menção à cultura do tabaco é importante porque ele representa a modernização, tecnificação ou industrialização da agricultura brasileira ocorrida a partir da segunda metade da década de 1960, quando a agricultura familiar foi coagida a aderir, em "marcha forçada", ao chamado pacote tecnológico da Revolução Verde. Ora, o que se verificava três décadas depois é que não apenas tal pacote não havia assegurado evolução na renda e na qualidade de vida dos agricultores familiares, mas, ao contrário, havia agravado sua involução e decadência. Fortemente endividados, muitos dos mini e pequenos agricultores (especialmente os fumicultores) via como opção mais promissora vender suas terras e migrar para áreas urbanas (MULLER, 2016).

Para os que permaneceram, contudo, surgiu uma alternativa inovadora: a agroecologia. Entendida, aqui, segundo Leff (2002), como um modelo produtivo sem o uso de agrotóxicos e produtos de origem sintética, que utiliza técnicas sustentáveis e que não agride o meio ambiente. Mobilizadas pelo Professor Wilson Schmidt, diversas instituições participaram da sensibilização que possibilitou a aceitação por uma parcela (de início, pequena) dos agricultores em experimentar esse novo modelo. Ressalta-se, que naquele período, a promoção dos cultivos sem agrotóxicos era feita com promessas que tinham forte cunho econômico: o maior valor de mercado dos produtos orgânicos e a agregação de valor que o beneficiamento deles permitiria. Lembrava-se, da mesma maneira, as dificuldades de mecanizar a produção agrícola nos terrenos dobrados da região. Gradativamente, os agricultores foram percebendo que as técnicas de produção orgânicas casavam bem com a paisagem do território e contribuíam para a qualidade de vida deles (MULLER, 2016 p. 35-69).

Schmidt (2016) recorda que este novo modelo de desenvolvimento territorial fundamentado na agroecologia foi pensado e construído baseado na produção familiar comunitária e na promoção do desenvolvimento local. Seus proponentes defendiam a importância do relacionamento em rede entre os agricultores e as produções de suas unidades familiares e de suas agroindústrias; assim como a movimentação e a circulação local da economia, com todo encadeamento produtivo (da semente à agroindustrialização) realizado na região e pelos agricultores familiares. Para a concretização dessas mudanças era preciso conscientização, afinal, como afirma Konder (2008 p.38), "para alcançar um novo modelo de desenvolvimento, é necessário que aconteçam mudanças nas partes que o compõem".

A estratégia mais importante para mudar a cara das Encostas, com dizia o Professor Wilson Schmidt, foi a construção de agroindústrias modulares em rede nas áreas rurais, em propriedades dos agricultores familiares. O objetivo era fazer chegar, ao "interior profundo" dos municípios rurais, oportunidades de trabalho e renda, energia elétrica de qualidade e telefonia (depois, internet), combinadas com a velha reivindicação da melhoria das estradas. Durante esse processo de construção do projeto, muitas contradições apareceram e foi necessário repensar as estratégias para manter o modelo. Um exemplo foi a adequação dos produtos para atender a exigências de redes de hiper e supermercados. Fundamentalmente, as agroindústrias foram direcionadas a mudar do processamento mínimo para processos que possibilitassem um maior tempo de prateleira aos produtos, como compostas, conservas, congelados etc. Algumas unidades – e as famílias de agricultores que eram seus proprietários, gestores e trabalhadores, não estavam preparadas para realizar essa adequação e fecharam. Outro fator que fez repensar o modelo foi a falta de matéria prima produzida no território nas quantidades e nos tempos ou ritmos exigidos pelas agroindústrias da própria rede. Passou a haver, então, a compra de matéria prima de fora (do território), em outras regiões de Santa Catarina, em outros estados e até mesmo em outros países (SCHMIDT, 2016).

Todas essas alterações ou adequações no processo de "construção de um território sustentável e a partir da agroecologia" estão no foco do debate atual entre alguns atores que participaram, no longo prazo, da operação. Para alguns, não há agroecologia sem a produção da matéria prima local, afinal é ela que vai permitir envolver um maior número de agricultores no processo, uma maior geração de oportunidades de trabalho e renda, assim como o fortalecimento do capital social. Outros, especialmente gestores da Cooperativa Agreco, argumentam que, para atender a demandas do mercado e manter as estruturas já construídas (capital, organização e logística), é necessário buscar matéria prima onde ela estiver disponível, seja porque não há a quantidade necessária no território, seja, até, pelo menor custo. Ou seja, mais de vinte anos se passaram desde o início da busca pela construção de um território sustentável e agroecológico e permanecem as tensões entre solidariedade e competitividade e entre as visões de curto e médio prazos (SCHMIDT, 2016).

3.3 A ACOLHIDA NA COLÔNIA E SUA RESILIÊNCIA

Como já foi mencionado, a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia foi fundada em 1999, com o intuito de diversificar as atividades de unidades de agricultores familiares na

busca de melhoria da qualidade de vida e de alternativas de renda (GUZZATTI, 2011). A criação da Acolhida se deu dentro de um processo de reflexão bastante amplo sobre alternativas para o desenvolvimento sustentável do território rural das Encostas da Serra Geral. O agroturismo despontava – junto com a produção orgânica e as agroindústrias familiares – como uma das bases do tripé de atividades capazes de promover o desenvolvimento rural sustentável. É por esta razão que a Acolhida foi criada com a participação efetiva dos agricultores familiares, que refletiram muito sobre o tipo de turismo que desejavam desenvolver e aprovaram uma carta de princípios que norteia o trabalho da organização em todas as regiões em que atua. Desta carta de princípios, destaca-se o fortalecimento da agricultura familiar, a produção de alimentos orgânicos e agroecológicos, o compartilhamento de experiências e o trabalho em rede.

A Acolhida na Colônia é vinculada a "associação-mãe" francesa *Accueil Paysan*. Com isso, seus associados ganharam o direito de uso da logomarca da rede. Uma articulação internacional de organizações – presente em trinta e um países, com um objetivo em comum: fomentar o movimento mundial pela manutenção da agricultura familiar (FANTINI; ROVER; CHIODO; ASSING, 2018). Voltando à logomarca, os agricultores associados decidiram usar, a partir do ano 2000, a mesma ilustração gráfica usada pela instituição francesa. A Figura 10 apresenta as duas logomarcas: a da *Accueil Paysan* (reconhecida internacionalmente e propriedade da Associação francesa) e a da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia. Pode-se notar que se trata de uma adaptação autorizada para contemplar a versão do francês para o português. A tradução mais adequada (ou literal) do termo “paysan” para o português seria "camponês". Os agricultores familiares das Encostas da Serra Geral (assim como em toda Santa Catarina) se auto identificavam como "colonos", que vivem "na colônia". Além disso, para consumidores catarinenses o termo que melhor identificava, à época, a qualidade dos produtos artesanais da agricultura familiar era “produto colonial”. Sendo assim, associava-se o agricultor a "colono", o espaço rural a "colônia" e os produtos artesanais de qualidade a "colonial". Daí a opção por "na Colônia". Ao mesmo tempo, o grupo avaliou que a expressão “acolhida”, tradução de *Accueil*, era adequada, pois o verbo acolher significa: receber alguém na própria casa, no seu convívio particular, diferente da relação que existe em um hotel ou restaurante de turismo convencional.

Figura 10 - Logomarca da Accueil Paysan e da Acolhida na Colônia.



Logo Accueil Paysan: Associação
Francesa

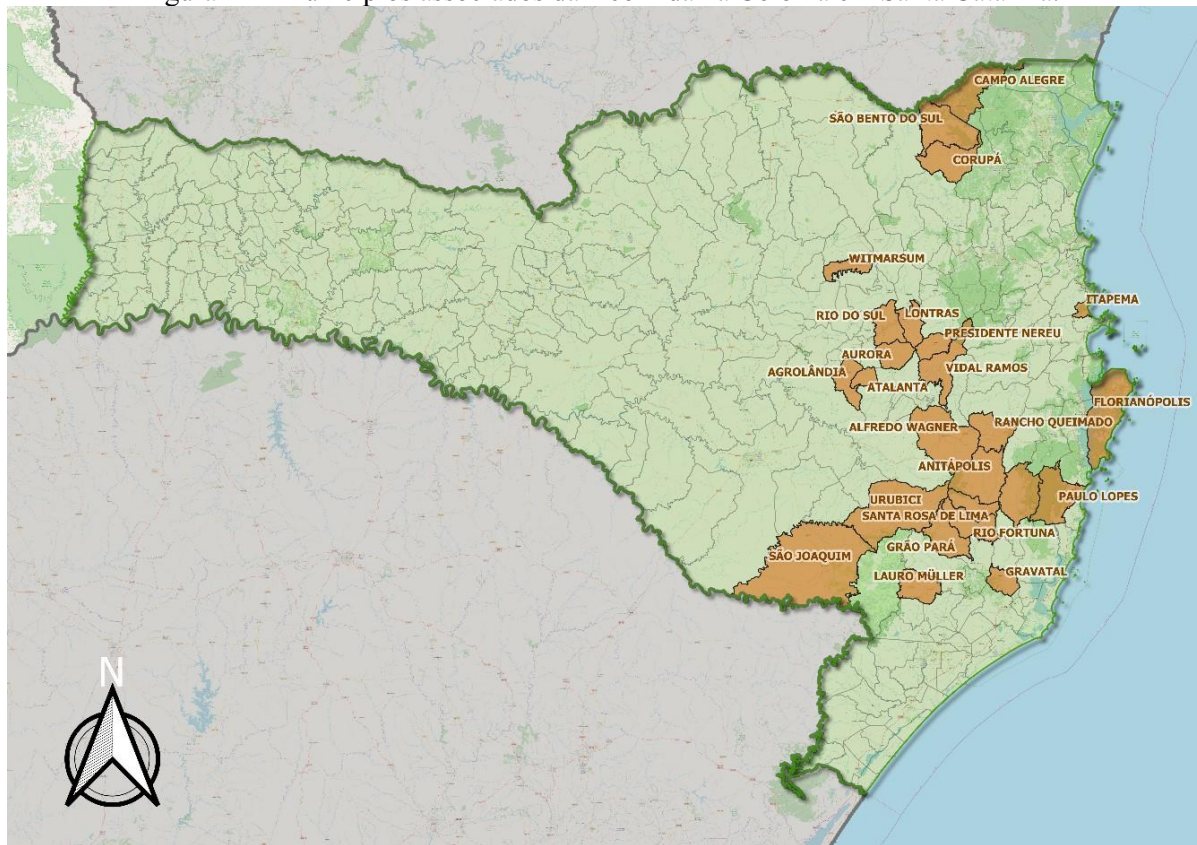
Logo Acolhida na Colônia: Associação
Brasileira

Fonte: Arquivos da Acolhida na Colônia.

Dessa forma, considerou-se que a tradução Acolhida na Colônia representava muito bem a concepção de agroturismo que vinha se desenvolvendo no Território das Encostas da Serra Geral. Esse debate coletivo sobre a marca da Acolhida na Colônia contribuiu para a reflexão sobre os recursos territoriais como a paisagem, a cultura e culinária coloniais, os produtos agrícolas orgânicos e os produtos alimentares artesanais. Também contribuiu para o fortalecimento da identidade, do senso de pertencimento e do capital social, todos considerados como atributos fundamentais para a consolidação de um território. A marca coletiva permanece tendo um papel importante no empoderamento dos associados da Acolhida na Colônia e na valorização e consideração dos princípios do agroturismo. Como será apresentado adiante, esses princípios contribuíram para o processo de resiliência dos associados ante a pandemia do novo Coronavírus, em 2020. Da mesma maneira, a lucidez da Acolhida com relação aos seus objetivos, a construção de uma metodologia própria para desenvolver o agroturismo em pequenos municípios rurais e os benefícios alcançados pelos agricultores protagonistas despertaram o interesse de outros agricultores e do poder público de vários municípios catarinenses. Assim que, com apoio do governo do Estado de Santa Catarina e posteriormente dos Ministérios do Turismo (MTUR) e do Desenvolvimento Agrário (MDA), a Acolhida desenvolveu uma primeira fase de expansão para outras regiões do estado, culminando em três novas associações em 2007, e uma em 2009. O reconhecimento do trabalho desenvolvido ao

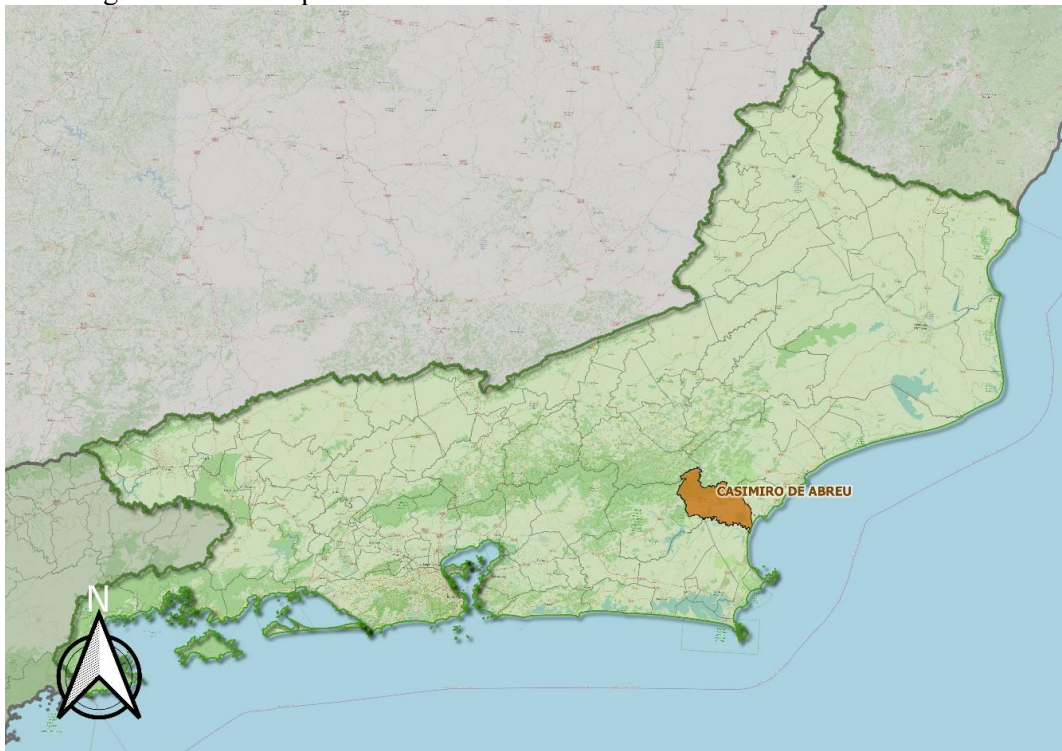
longo de vinte e um anos, da capacidade da entidade em estabelecer parcerias, nos âmbitos local, regional, estadual, nacional e mesmo internacional, do desenvolvimento do turismo enquanto atividade complementar e vinculada à produção agrícola veio, também, por meio de vários prêmios. Recompensas que aumentaram, por sua vez, a visibilidade e a credibilidade da Associação. O resultado é uma organização que hoje conta com aproximadamente 120 famílias associadas em Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, e oito associações constituídas, como pode ser visto nas Figuras 11, 12 e 13, com potencial para expandir para outras realidades e contextos.

Figura 11 - Municípios associados da Acolhida na Colônia em Santa Catarina.



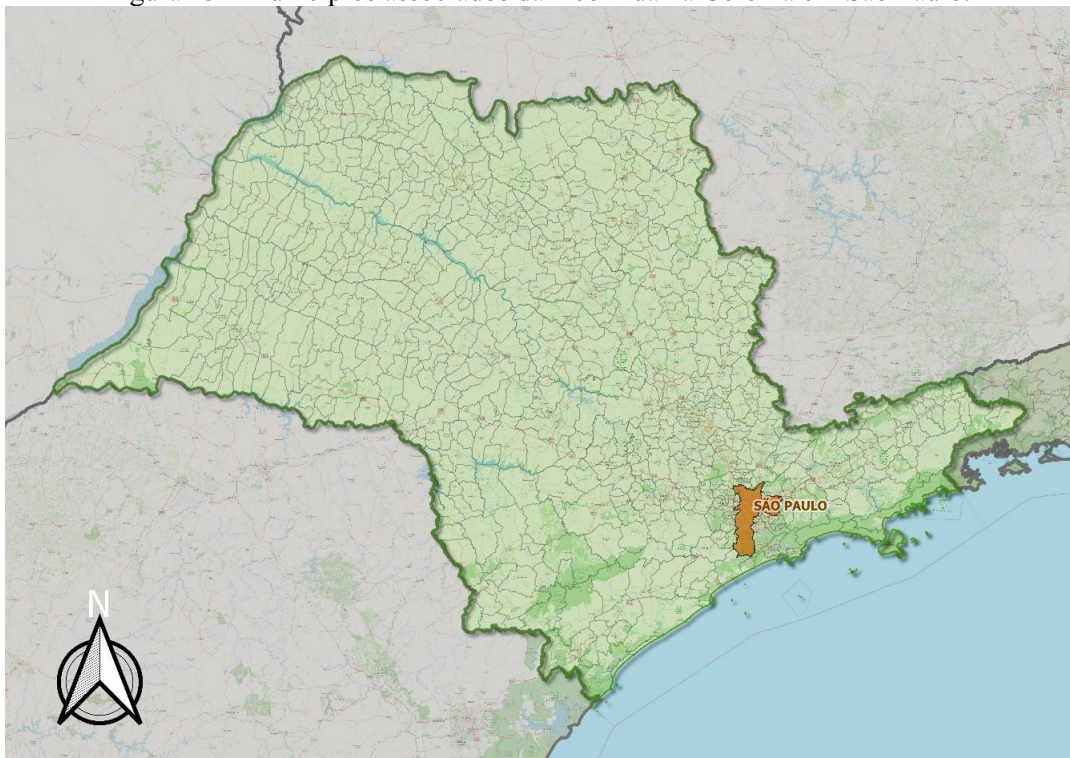
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Figura 12 - Municípios associados da Acolhida na Colônia no Rio de Janeiro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Figura 13 - Municípios associados da Acolhida na Colônia em São Paulo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O Quadro 2, a seguir, apresenta o número de associados por municípios e estados.

Quadro 2 - Número de associados por município e estado.

Município – Santa Catarina	Nº	Município – Santa Catarina	Nº
Lauro Muller	06	Witmarsum	02
Gravatal	01	Paulo Lopes	01
São Bonifácio	05	Florianópolis	03
Grão Pará	01	Itapema	03
Rio Fortuna	01	Campo Alegre	16
Santa Rosa de Lima	12	Corupá	02
Anitápolis	06	São Bento do Sul	05
Rancho Queimado	01	Presidente Nereu	02
Alfredo Wagner	08	Lontras	01
Urubici	17	Rio do Sul	03
São Joaquim	06	Agrolândia	03
Vidal Ramos	01	Atalanta	01
Aurora	06		
Município – Rio de Janeiro	Nº	Município – São Paulo	Nº
Casimiro de Abreu	08	São Paulo	14

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

4 CESTAS DE BENS E SERVIÇOS TERRITORIAIS: DA IDEIA A AÇÕES

4.1 A ACOLHIDA NA COLÔNIA E A CONSTRUÇÃO DAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL COMO ‘PRODUTO’

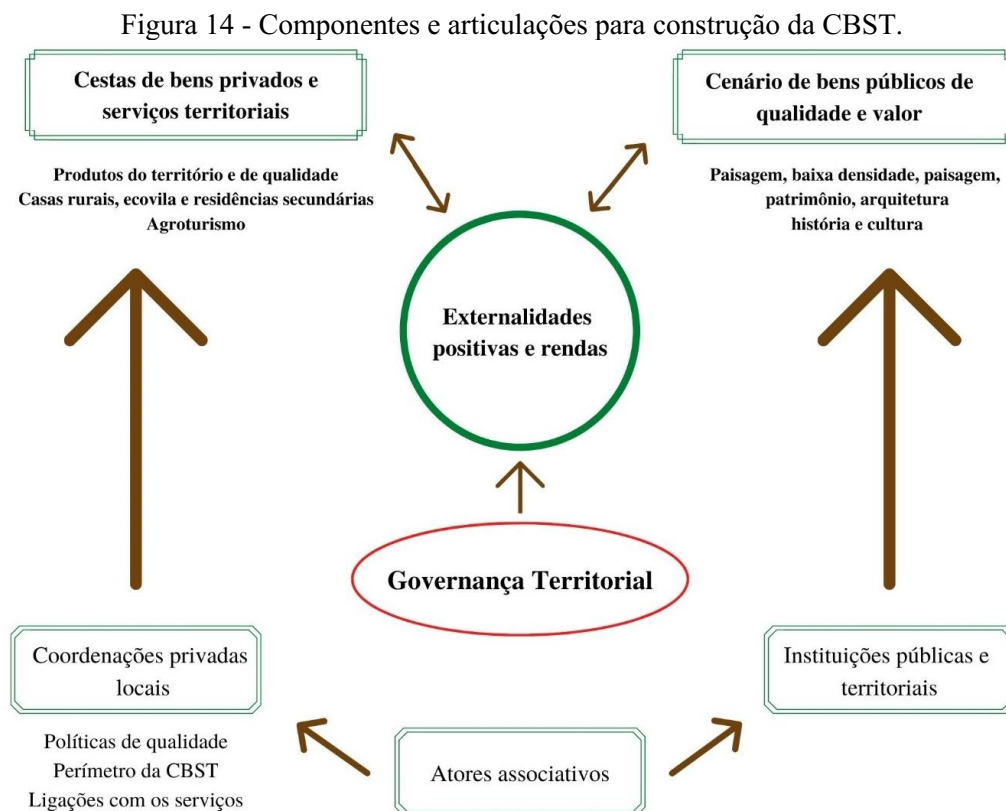
A ideia de Cestas de Bens e Serviços Territoriais surgiu no território de Baronnies, localizado no Departamento de Drôme, sul da França, em 1996. Foi durante um projeto denominado ‘Em busca das cestas de bens: um novo olhar sobre o desenvolvimento dos territórios’, liderado pelos professores Amédée Mollard e Bernard Pecqueur, da Universidade Pierre Mendès-France (A LA RECHERCHE, 2010). Inicialmente, o produto destaque foi o azeite de oliva de Nyons, que tem sua especificidade reconhecida por uma Denominação de Origem Controlada (DOC). Percebeu-se, em seguida, uma demanda por paisagens, serviços, amenidades e lavanda fina, todos de Baronnies, ou seja, impulsionada pelo azeite, havia uma intenção de compra de outros produtos da região. Como os consumidores se deslocavam para adquirir esses bens, acabavam demandando, também, serviços como o agroturismo. Isso levou ao surgimento de novos bens e de novos serviços para serem ofertados aos consumidores (A LA RECHERCHE, 2010).

Tratando do conceito de CBST, Pecqueur (2007, p. 143) afirma que ele pode ser verificado quando um produto de qualidade territorial é adquirido e o consumidor percebe a especificidade de outros produtos provenientes da produção local. Além disso, "determina sua utilidade a partir do conjunto de produtos oferecidos" (a cesta) pelo território. Ele julga que, nesse caso, há um excedente para o consumidor que pode ser considerado mais elevado do que a soma dos excedentes de cada produto. Esse excedente (bens sociais e ambientais – paisagem, clima) pode não estar mencionado no contexto da cesta, mas o consumidor concorda em pagar, como o exemplo de Baronnies, onde o produto de maior interesse é o azeite de oliva de Nyons que induz à compra de vinho, lavanda, óleos essenciais e turismo. Assim, constata-se que ocorre uma compra interligada, o “efeito cesta” e uma disposição por parte do consumidor de pagar mais (PECQUEUR, 2007, p. 151).

Cazella et al. (2020, p. 196) ressaltam, a propósito, que "a definição de CBST é dada pela articulação de ações mercantis e não-mercantis entre atores locais, sejam públicos, privados e/ou associativos, com o propósito de criar uma oferta variada de peculiaridades territoriais". Para Paula (2019), a CBST é composta por três elementos:

- a) Bens e serviços secundários que possuem uma essência territorial agregada, e uma imagem coesa com o território, raramente substituíveis por bens comuns. Além disso, modos de produção de qualidade específicos (identidade territorial, um saber-fazer, inovações etc.) e serviços de qualidade territorial, que facilitam o acesso dos consumidores à cesta de bens e serviços;
- b) Alianças de proximidade, de confiança e fidelização, os quais podem se manifestar desde o momento da venda direta, da hospedagem, das trocas de experiências ou da gastronomia típica, até nas visitas turísticas aos atrativos territoriais. A demanda dos produtos está ligada à qualidade, à fama e ao conhecimento do território e de suas tradições. Há, para além desses aspectos, uma coerência entre o território de oferta e o território de demanda;
- c) Bens públicos que reconhecem a cesta exercendo um papel de “cenário” ou “marca” colocando o produto em cena. Estes bens podem se referir ao ambiente e à natureza (paisagem e biodiversidade), ao patrimônio e à cultura (arquitetura e monumentos), ou ainda à história e às tradições do território (PAULA, 2019).

Para a existência desses elementos é necessário o envolvimento de diferentes atores locais na formação de uma governança territorial, capaz de combinar proximidade geográfica e atores institucionais (CAZELLA, 2020). Por isso, o citado autor julga que na CBST a governança do território é um fator essencial. A Figura 14, a seguir, representa os componentes e as articulações voltadas à construção da CBST e salienta a importância da governança territorial no desenvolvimento de tais articulações.



Fonte: Adaptada pela autora de Cazella et al., 2020.

Ousou-se recuperar esse fragmento do debate teórico para considerar, primeiro, que o Território das Encostas da Serra Geral está em processo de construção há aproximadamente vinte e cinco anos. Segundo, para refletir acerca desse processo de desenvolvimento territorial que pode ser analisado sob a abordagem ou enfoque do CBST, isto é, tal processo deu condições para materializar o território como produto.

Outro elemento importante a ser considerado antes de pensar o CBST na Acolhida na Colônia é em relação ao consumidor que precisa tornar-se um parceiro ativo, capaz de produzir e divulgar o conhecimento e de desenvolver a inovação dentro da CBST, além de auxiliar na sua disseminação. Ao mesmo tempo, a motivação dos produtores para participar da CBST, ou seja, de encontrar e conhecer os consumidores e de criar um relacionamento de longo prazo com eles, já representaria um importante esforço para se orientar ao mercado, ou, na expressão de Fantini; Rover; Chiodo e Assing (2018, p. 519) "o marketing de relacionamento pode ser o elemento de diferenciação mais apropriado às especificidades do território".

Ainda para contribuir com o envolvimento do consumidor é importante a criação de ferramentas na internet que permitam que consumidores e produtores possam cadastrar suas demandas, produtos e serviços, viabilizando uma alternativa coletiva à indústria da massificação alimentar. Certa publicidade nos preços e comentários sobre produtores e prestadores de serviços garantiria informação suficiente para manter a melhoria contínua dos processos sociais de produção, distribuição e consumo, bem como combateria concorrências predatórias e desigualdades no acesso à comida (MENDES, 2016).

4.2 PRODUTOS E SERVIÇOS DA ACOLHIDA NA COLÔNIA POTENCIAIS PARA FORMAR A CBST - O PRODUTO TERRITORIAL

De acordo com a observação participante da autora (pesquisa de satisfação dos hóspedes, relatos de grupo técnicos, conversas com os agricultores e turistas), com relação ao território das Encostas da Serra Geral, o que se constata é que os consumidores se deslocam até a Capital da Agroecologia ou ao Berço da Agroecologia em Santa Catarina e acabam consumindo outros produtos e serviços. Em uma pesquisa realizada na região da Amurel para realização do Plano Regional de Turismo foram apontadas oportunidades que indicam potenciais componentes para a CBST. São elas:

- Atrativos Naturais e Culturais: beleza cênica, diversidade de flora e fauna, espaços permanentes para observações, ambientes poucos explorados, **produtos de cunho ambiental com grande poder de atratividade**, espaços para usufruir a natureza, região ainda pouco explorada e a partir da pandemia covid-19 passou a ser um fator importante, patrimônio cultural (variedade étnica, museus e religiosidade), presença da devoção em municípios da região (turismo religioso), culinária com alto poder de atratividade com a existência de produtos reconhecidos como biscoitos, **produtos agroecológicos, artesanais e coloniais**, potencial em recursos naturais de água para atividades náuticas (lagoas e rios).
- Eventos: Grande número de eventos culturais, religiosos, gastronômicos e alguns eventos importantes de negócios.
- Diversos produtos consolidados: **Acolhida na Colônia**, Fluss Haus e Termalismo.
- Infraestrutura Básica: sinalização em rodovias estaduais, aeroporto, porto, ferrovia, postos de saúde em todos os municípios e proximidade entre os municípios.
- Infraestrutura Turística: hospedagem e gastronomia satisfatória.
- Gestão: Gestão Regional (AMUREL), maioria dos municípios com instituições vinculadas a questões ambientais, alguns zoneamentos ecológicos e econômicos e segurança.
- Diversidade de possibilidades para o turismo: eventos, polo têxtil, águas termais, relevo, praias, lagoas, ciclismo, proximidade física (entre os municípios) e da temática cultural.
- Econômica: parcerias entre instituições, entidades públicas e privadas, linhas de acesso a financiamentos, preços acessíveis, custo-benefício, **desenvolvimento de produtos em rede**, incentivo ao turismo: compras, saúde e bem-estar, ecoturismo, cultural e sênior.
- Política: editais de incentivo para a cultura e turismo, políticas para implantação de drenagem, gestão de resíduos, plano de desenvolvimento náutico para a regulamentação dos espaços de uso comum incluído ao plano diretor.
- Social e Cultural: **cultura diversificada na região**, festividade e lugares para práticas religiosas, criação de rotas e roteiros que possibilitem integração, **culinária típica e produtos alimentícios tradicionais**, história e vida, turismo em comunidades tradicionais (pesqueira e produtores rurais).
- Ambiental: baixa ocupação urbana na região, liderança do Brasil em recursos naturais, beleza cênica e riqueza de ambientes naturais, proximidade dos geossítios, sítios arqueológicos, diversas possibilidades de criação de produtos de Ecoturismo e Turismo de Natureza.
- Segmentação Turística: diversas possibilidades de consolidar outros segmentos: turismo de compras, religioso, gastronômico, cicloturismo, **agroturismo**, pedagógico, sênior, saúde e bem-estar, ecoturismo, aventura, entre outros.
- Tendência de mercado: com a pandemia covid-19 ficou evidente a tendência do turismo de proximidades, um turismo mais regional oportunizando **pequenos empreendimentos em ambientes rurais e naturais**, que estejam preparados para receber com segurança, responsabilidade e protocolos de saúde implantados. (INTERFACE HOSPITALIDADE TURISMO, 2019, n.p, grifo nosso).

Ainda com base na observação participante, analisando as 27 propriedades associadas à AAAC Encostas da Serra, com referência das visitas técnicas, dos diagnósticos participativos e demais reuniões e encontros, todos realizados pela autora, foram encontrados muitos potenciais de produtos, atrativos e serviços que podem compor a CBST, são eles: agroturismo, hospedagem, energia renovável, arte com bambu, agroecologia, cultura, religiosidade, arquitetura, Gemusfest, turismo pedagógico, cicloturismo, águas termais, Slow food, sementes crioulas, artesanato, serra geral, cachoeiras, hortaliças, legumes, frutas, grãos, compotas,

geleias, doces, bolachas, biscoitos, pães, molhos, melado, mel, açúcar mascavo, açúcar demerara, cachaça, licor, queijo, ovos, carnes, culinária típica, saber fazer e modo de vida.

Para o caso do Território das Encostas da Serra Geral e da Acolhida na Colônia, todos esses potenciais e oportunidades mencionados podem ser setorizados em quatro grandes grupos: agroturismo, agroecologia, paisagem e cultura.

O agroturismo é uma atividade considerada recente e traz muitos benefícios econômicos, sociais e ecológicos. É também uma forma de promover o desenvolvimento sustentável e de exercer novas atividades no meio rural. Ele surgiu na Europa na década de 1960, com as visitas no meio rural de moradores da cidade e por meio dessas visitas foi se criando um relacionamento que era considerado diferente do habitual encontrado nas demais modalidades de turismo, era um relacionamento acolhedor e muito pessoal, em que o turista era tratado como um amigo da família que o recebia, conforme MTUR (2020). Ainda de acordo com MTUR (2020), o agroturismo pode ser caracterizado como um conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, que possa agregar valor aos seus produtos e serviços, com resgate e promoção de um patrimônio que seja cultural e natural de um determinado território. Nesse sentido, o turismo passa a ser um forte aliado para manter as famílias no campo, configurando-se como uma possibilidade de diversificar a economia local, a promoção de geração de trabalho e renda, a grande presença de mulheres com acesso à renda nessas atividades e valorizar os modos de vida tradicionais, a ruralidade e o contato harmonioso com o ambiente natural. Essas atividades no meio rural podem ser constituídas de hospedagem, alimentação, recepção em visitação nas propriedades rurais, recreação, entretenimento e atividades pedagógicas rurais (MTUR, 2020). Como já foi apresentado, no território das Encostas da Serra Geral o desenvolvimento das atividades do agroturismo teve início em 1999 com a fundação da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia. Inicialmente, os moradores locais não acreditaram no potencial e no sucesso da atividade para a região decadente. Logo, com a chegada dos turistas que buscavam aquilo que o território oferecia, como ar puro, tranquilidade, simplicidade, gastronomia típica, cultura preservada, atendimento acolhedor etc., o próprio território passou a ser mais valorizado pelos seus habitantes. Além disso, por meio do agroturismo, vínculos entre moradores urbanos e moradores rurais foram estabelecidos.

Figura 15 - Estrutura de agroturismo em propriedade associada à Acolhida na Colônia, município de Santa Rosa de Lima.



Fonte: Arquivos da Acolhida na Colônia.

A agroecologia é uma técnica que prioriza integrar as concepções agronômicas, ecológicas e socioeconômicas para compreender e avaliar os resultados das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo (ALTIERI, 2004). Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Por intermédio de uma abordagem agroecológica é possível integrar o conhecimento de pesquisadores com as técnicas dos agricultores e desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos sintéticos externos (ALTIERI, 2004). A agroecologia teve e tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento territorial na região das Encostas da Serra Geral, pois foi o primeiro e é o principal atrativo até os dias atuais, motivação de maior parte dos turistas para visitar o território. Da mesma maneira, a busca por alimentos limpos, agroecológicos, sem agrotóxicos, produzidos de forma artesanal motiva a visitação e movimenta o setor turístico. Além dos produtos, os visitantes também buscam conhecer a forma de produção, vivenciar experiências da agricultura familiar, participar do dia a dia do agricultor e para isso é necessário

permanecer mais tempo no território, fazendo com que utilizem das hospedagens e dos serviços de refeições. Podemos observar uma singela realização do conceito das CBST.

Figura 16 - Produção agroecológica em propriedade associada à Acolhida na Colônia, município de Santa Rosa de Lima.



Fonte: Arquivos da Acolhida na Colônia.

A paisagem das Encostas da Serra Geral forma uma região rica em belezas naturais. Situada entre o Parque Nacional de São Joaquim e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, apresenta uma beleza cênica marcada pela presença da Mata Atlântica, da topografia que forma inúmeros vales e de uma hidrografia extremamente rica, com rios, cachoeiras e presença de águas termo minerais. Esses recursos são mais do que a base territorial sobre a qual as atividades do agroturismo e da agroecologia se desenvolvem, pois cumprem um papel fundamental na identificação do território, aspecto ressaltado nas propostas de implantação das CBST. A paisagem rural é assumida como um meio estratégico para o consumo de produtos e serviços e recebe uma atenção especial, seja através da preservação dos recursos naturais e paisagísticos, seja através da exploração dos recursos naturais presentes na região, como acesso às cachoeiras presentes nas propriedades, abertura de trilhas etc., seja ainda da construção da paisagem enquanto imagem (GELBCKE, 2006).

Figura 17 - Paisagem de Santa Catarina, município de São Bonifácio.



Fonte: Marcelo Castro de Oliveira / Tainá de Castro Rodrigues (2019), Arquivos da Acolhida na Colônia.

A cultura nas Encostas da Serra está associada aos costumes, tradições e técnicas praticadas pelos colonizadores europeus e por seus descendentes. Atualmente, manifestações culturais como danças, festas, comidas típicas, dialetos, artesanato, produção familiar têm sido valorizadas e estimuladas através da agroecologia e do agroturismo existentes na região (OUROFINO, 2011). O patrimônio cultural teve a contribuição dos colonizadores europeus que construíram atafonas, engenhos, alambiques, cervejarias, charqueadas, serrarias pica-pau, marcenarias, ferrarias, olarias e até pequenas usinas hidrelétricas. As pequenas propriedades, os detalhes nas construções, os ranchos de madeira, o padrão da construção em relação às pastagens e das plantações em relação aos cursos dos rios são elementos que conferem ao território características especiais e paisagens únicas (OUROFINO, 2011). A culinária, as práticas agrícolas coloniais, as festividades e as demais técnicas e costumes herdados dos colonizadores são elementos representativos da identidade cultural e da paisagem cultural das Encostas da Serra Geral. Destaca-se a culinária típica como um importante atrativo nas atividades turísticas como, por exemplo, o gemüse, o pão de milho e a rosca de polvilho. Esses pratos são produzidos com ingredientes locais e ainda fazem parte da rotina alimentar da

maioria dos moradores da região, principalmente das famílias que acolhem os turistas (OUROFINO, 2011).

Figura 18 - Construções antigas em propriedade associada à Acolhida na Colônia construção enxaimel/traços da colonização, município de São Bonifácio.



Fonte: Lucilene Assing, 2019.

Com todos os potenciais e atrativos expostos, acredita-se ser possível transformar o "espaço-lugar de desenvolvimento", ou seja, o simples suporte das atividades econômicas, pela ideia do "espaço-território carregado de vida, de cultura e de potencial de desenvolvimento" (PECQUEUR et al., 2017, p. 33). Se o espaço-território se diferencia do espaço-lugar pela sua construção a partir de ações organizadas de indivíduos e instituições, pode-se dizer que essa construção se iniciou nas Encostas da Serra no final da década de 1990, como foi visto, com o surgimento das organizações Agreco, que desenvolveu a agroecologia, e Acolhida na Colônia, com a implantação do agroturismo, e continuam acontecendo a cada inovação no território, porque para um contínuo desenvolvimento territorial, é importante manter uma dinâmica local de inovação. Para isso, novas configurações e conhecimentos territoriais podem ser produzidos

quando saberes diversos são articulados e combinados. A explicitação de um enfoque CBST na Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia Encostas da Serra Geral poderia fortalecer a geração de "uma renda de qualidade territorial" (Pecqueur et al. (2017, p. 34), capaz de superar a renda obtida através da venda de produtos e serviços, que mesmo tendo qualidade superior, são comercializados de forma isolada ou desconectada entre si. Segundo Pecqueur et al. (2017), para implantar CBST é importante a constituição da imagem, que dá identidade para o território, e a priorização para mercados locais, turistas, moradores locais e de residências secundárias. Criar uma marca, imagem, identidade fez parte do processo de desenvolvimento territorial no território das Encostas da Serra Geral. Considerando isso, a Agreco recortou na parte superior dos rótulos dos seus produtos as curvas do paredão da Serra Geral, conforme demonstrado na Figura 19.

Figura 19 - Rótulos dos produtos da Agreco: recorte como desenho das Encostas da Serra Geral.



Fonte: Arquivos da Agreco.

Em relação à priorização de mercados locais, o que aconteceu foi o contrário. Desde o início, a Agreco priorizou as grandes redes de supermercados e se estruturou para atender as demandas delas. Por isso, este estudo concentrou seu olhar sobre uma inovação para o caso recente, um grupo de agricultores associados à Agreco e à Acolhida na Colônia passou a trabalhar priorizando os mercados locais, os turistas, os moradores locais e de residências secundárias, como sugere Pecqueur et al. (2017). Essa experiência será descrita e analisada a seguir. Busca-se refletir sobre a venda direta de cestas de produtos orgânicos e artesanais, se

está contribuindo para – ou fortalecendo – o enfoque de Cestas de Bens e Serviços na Acolhida na Colônia.

5 A VENDA DIRETA DE CESTAS DE PRODUTOS ORGÂNICOS E ARTESANAIS E SUA POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO PARA O ENFOQUE CBST

O debate na Acolhida na Colônia sobre a possível comercialização direta, por meio de cestas de produtos orgânicos e artesanais, surgiu em março de 2020. Recorde-se que eram os primeiros tempos da pandemia do novo Coronavírus, tendo havido a completa interdição do acolhimento em pousadas de turismo de qualquer tipo. Assim, havia uma dupla perspectiva negativa. Primeiro, o faturamento com a hospedagem seria zerado. A venda dos alimentos orgânicos produzidos nas Unidades Familiares de Produção (UFP) tinha como destino as refeições servidas aos hóspedes e também comercializações diretas com eles, correspondendo ao principal ingresso de dinheiro e, sobretudo, de agregação de valor. Daí tem-se a segunda perspectiva negativa, ver a produção encalhada, com importantes impactos negativos no caixa das UFP.

Naquele momento, a autora desta monografia, por ser reconhecida como uma assessora da Acolhida, recebeu uma demanda do Sindicato de Professores da UFSC (Apufsc). De acordo com as lideranças da Apufsc, os professores universitários queriam respeitar estritamente os protocolos de isolamento recomendados pela ciência e, assim, alguns dos associados àquela entidade gostariam de receber produtos orgânicos diretamente nas suas residências. Prontamente, a autora organizou uma reunião⁴ com os associados da Acolhida na Colônia de Santa Rosa de Lima, que representam a maior parcela da produção, produzem grande diversidade de produtos orgânicos e estão mais próximos de Florianópolis, sede da UFSC. Então, uma proposta foi elaborada para atender à demanda do Sindicato de Professores da UFSC. Na proposta, apresentou-se à Apufsc o grupo de agricultores, as formas de entrega e de pagamento e a lista com os produtos disponíveis e seus preços. Todavia, a expectativa dos professores associados era receber em domicílio todos os produtos de feira, ou seja, frutas legumes e verduras. Esse fato se contrapunha à lista preparada à época, pouco diversificada, o que impediu o progresso das negociações.

A ideia, no entanto, estava lançada e houve animação dos agricultores em torno dela. Resolveu-se, então, ampliar a discussão para a equipe técnica e para Amigos da Acolhida⁵, que

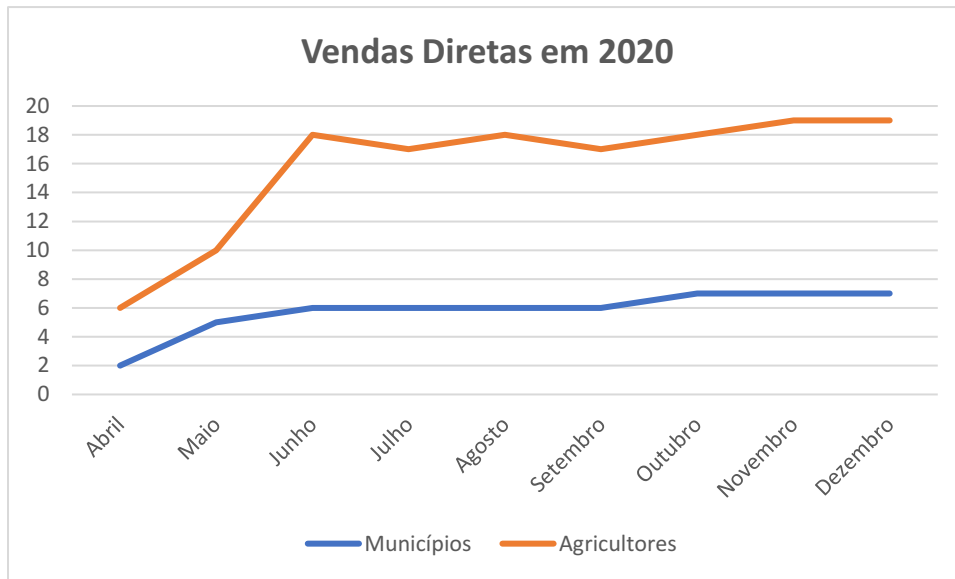
⁴ Reunião ocorrida em 27 de março de 2020.

⁵ Amigos da Acolhida é um grupo informal constituído no dia 31 de janeiro de 2013 com a finalidade de proporcionar o desencadeamento de projetos e programas na Acolhida na Colônia que promovam ações de valorização e de diversificação das economias locais, com base no desenvolvimento local e territorial. O grupo

também são turistas e consumidores fidelizados. Após muitos debates com esse grupo ampliado foi elaborada uma nova proposta de comercialização de produtos orgânicos e artesanais. Em suma, ela previa: entregas quinzenais em Florianópolis, São José e Palhoça; a comercialização de alimentos orgânicos e artesanais produzidos pelos associados (no segundo caso, com a utilização do máximo de ingredientes orgânicos e com a interdição de ingredientes transgênicos); os produtos serem passados a mãos dos consumidores, necessariamente, pré-organizados em grupos – em um único ponto, e não em domicílio; pedidos mínimos de R\$ 500,00 por grupo. Também foi estabelecida com a proposta uma nova lista dos produtos disponíveis (Anexo A), que foi enviada a moradores, turistas e potenciais consumidores. A partir dessa lista, os clientes montavam os seus pedidos. No início, era um número pequeno de agricultores familiares envolvidos. Conforme a experiência foi dando certo, contudo, mais associados da Acolhida se envolveram no processo. Analisando os dados da Acolhida na Colônia referentes às vendas diretas de produtos orgânicos e artesanais entre os meses de abril e dezembro de 2020 é possível perceber esse aumento no número de agricultores envolvidos no fornecimento de produtos. Destaca-se, da mesma forma, o número de municípios de origem dos produtores. Em abril, eram seis famílias de dois municípios diferentes. Em dezembro, já eram dezenove agricultores, de sete municípios. A Figura 20, a seguir, mostra um comparativo entre municípios e agricultores nesse processo de comercialização.

é formado por 26 pessoas, entre estudantes e profissionais de diversas áreas que acreditam na Acolhida na Colônia como portadora de soluções para o meio rural (ACOLHIDA NA COLONIA, 2013).

Figura 20 - Gráfico comparativo de número de municípios e agricultores na comercialização das cestas de produtos orgânicos e artesanais da Acolhida na Colônia.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Essas informações levaram, dentro da Acolhida na Colônia, a uma avaliação bastante positiva da estratégia de entrega direta a consumidores finais de produtos em Florianópolis e região. Da mesma forma, houve a percepção de que os agricultores estavam bastante motivados a participar desse projeto. Levando em conta tal entendimento, já ao final do processo de construção deste estudo, decidiu-se ouvir os protagonistas do sistema de cestas vendidas diretamente: agricultores e agricultoras familiares associados à Acolhida. Esse entendimento se confirmou nas entrevistas realizadas neste estudo. Conforme já descrito na metodologia, de onze questionários enviados pelo aplicativo WhatsApp, obtivemos nove retornos. Voltando à percepção da motivação, ou até da empolgação dos(as) agricultores(as), é justificada por parte deles(as) com pontos de vista mais centrados no aspecto econômico e de curto prazo:

Foi bom para os agricultores e para a Associação. Possibilitou aos consumidores realizarem compra direta com um preço mais justo e aos produtores poderem comercializar num preço mais justo. Garantiu uma segurança financeira nos meses mais críticos da pandemia, quando as pousadas estavam fechadas. A renda não foi tão expressiva, mas foi possível se manter. (Agricultor-a 2)

É muito importante a diversificação da renda em pequenas propriedades, pois firma cada vez mais a relação direta do produtor com o consumidor. Fico empolgado em repassar a consumidores meus produtos sem que haja atravessadores que muitas vezes extrapolam seus lucros. (Agricultor-a 3)

Para nós foi muito importante. Nossos principais focos de venda eram os restaurantes e as escolas. Com a venda direta ao consumidor, um leque de possibilidades foi aberto, facilitando as vendas e diminuindo as perdas de produtos. (Agricultor-a 5)

Muito boa. Evitou perdas, pois as hortaliças já estavam plantadas e muitos dos nossos canais de comercialização fecharam com a pandemia. Foi praticamente nossa única renda. (Agricultor-a 8)

Foi um complemento de renda e uma oportunidade para participar de um novo canal de comercialização, que pode crescer e passar a ter uma representação importante nas nossas vendas. (Agricultor-a 9).

Analisando tais respostas, aparece como muito importante o impacto das vendas das cestas dos produtos orgânicos e artesanais na renda da família, principalmente nos meses de março a julho de 2020, inclusive quando as pousadas dos(as) entrevistados(as) ficaram fechadas para as atividades turísticas. Salientamos que a importância dessa atividade na renda foi apontada por todos os agricultores entrevistados. Ao mesmo tempo, contudo, outros(as) entrevistados(as) apontaram questões mais gerais e que têm mais concernência com o foco desta monografia:

Foi muito importante, principalmente no período em que a pousada estava fechada [março a agosto de 2020]. Chegamos a vender R\$ 400,00 por entrega, a cada 15 dias. Avaliamos que quanto maior era a variedade de produtos que a nossa propriedade oferecia, maior era a venda. Além da importância da renda, também foi importante manter um contato com os turistas/consumidores. Mesmo sem o contato físico no território, mas com o produto feito na propriedade com o rótulo que carrega a identidade local chegando à mesa do consumir, preenchia, de certa forma, a saudade ou vontade de estar em nossa pousada. (Agricultor-a 1)

A organização para venda direta por meio da Acolhida nesse momento crítico foi um grande sopro de esperança e deixou muito evidente a força do trabalho e da organização coletiva. Num momento de muitas incertezas, unir-se trouxe força, coragem e o sentimento de que, quando coletivamente, se pode encontrar soluções. Foi importante para nós, nesse sentido. Também como uma possibilidade de renda. Mas o sentimento de força coletiva, nesse momento de tantas incógnitas, foi o que trouxe mais tranquilidade. (Agricultor-a 4)

Foi muito importante. Primeiramente, pela questão da renda para a propriedade. Supriu parcialmente a perda de renda por conta da diminuição de visitantes. Segundo, pela manutenção/fortalecimento do grupo da Acolhida na Colônia. Terceiro, pelo aproveitamento e a possibilidade de venda de produtos da propriedade. (Agricultor-a 6)

Fundamental, importante fonte de renda e possibilitou termos relação com alguns dos nossos turistas. (Agricultor-a 7)

As cestas vendidas diretamente são avaliadas, assim, como uma forma de manter contato com os turistas/consumidores, de diversificar os canais de venda, de realizar a comercialização com vantagens para as duas pontas, agricultor e consumidor, e de fortalecer a organização e, mais especificamente, a Associação.

Com relação a repercussões econômicas e a consequências de uma relação mais próxima com os consumidores, uma observação é importante. Ao longo desse período de um ano houve ampliação da diversidade dos itens ofertados. Em abril de 2020, 54 itens eram apresentados na lista. Atualmente, quando esta monografia é finalizada (abril de 2021), são oferecidos 170

itens⁶. Esse aumento no número de alimentos propostos aos compradores é fruto do acréscimo do número de associados a esse sistema de vendas diretas de cestas e da motivação deles em ampliar e diversificar a produção. Sublinhe-se, como uma resposta às solicitações dos consumidores. Em comunicação constante e direta com a Acolhida, esses parceiros-clientes solicitavam o plantio e a oferta de novos produtos, que fazem parte das tradições dos colonos, mas são hoje muito pouco cultivados nas UFP associadas à Acolhida, como a batata-inglesa, o alho e o arroz (no caso, o de sequeiro). Com relação a produtos frescos, pediam maior diversidade de frutas, legumes e verduras. Em relação aos processados, demandavam molho de tomate e frango orgânico, que eles sabiam ser produzidos por AIRPP ligadas à Agreco (ACOLHIDA, 2020c). Na entrega seguinte, já foi possível adicionar o frango orgânico à lista. De acordo com a sazonalidade dos plantios, outros cultivos também foram realizados e seus produtos ofertados.

Recorde-se que, durante todo o período de funcionamento das cestas de produtos orgânicos e artesanais, e até hoje, foram realizadas reuniões *online* com os agricultores. Elas serviam para organizar a produção, criar regras, definir preços, organizar a logística, transmitir demandas dos consumidores e realizar avaliações sobre o sistema em operação. Também foram realizadas reuniões, sempre *online*, com consumidores, para trazer mais elementos ao planejamento da produção, para discutir formas de embalagem, permitir a devolução de embalagens recicláveis e para pensar conjuntamente estratégias para aumentar as vendas. Nesse caso, o principal objetivo foi, e é, envolver esses compradores diretos no processo das cestas. De fato, muitos deles se sentiram corresponsáveis pela atividade, tendo melhor compreendido: o impacto positivo dela na renda das famílias de agricultores em um momento de forte crise, a importância de valorizar e ampliar a produção orgânica, pelo seu papel na preservação do meio ambiente e pela contribuição que dá ao processo de desenvolvimento territorial nas regiões em que a Acolhida realiza seu trabalho (ACOLHIDA NA COLÔNIA, 2020a, 2020b, 2020c).

Para fortalecer a comunicação e a relação entre produtores e consumidores, a cada entrega realizada era enviado, e ainda é, pelo aplicativo WhatsApp, o Boletim Informativo Digital (BID) (Anexo B). Os BID continham informações sobre a Acolhida na Colônia; sobre as UFP fornecedoras; sobre os produtos que compunham a cesta da quinzena; dicas da nutricionista com receitas que previam a utilização desses mesmos produtos; além de assuntos afins e relevantes, como o êxodo rural, o trabalho das mulheres no campo, a preservação do

⁶ Conforme a plataforma online www.fazafeira.com.

meio ambiente etc. Em devolutiva, recebemos relatos dos consumidores dizendo que ficaram encantados com os BID e que após a pandemia irão visitar as propriedades neles apresentadas. Alguns clientes-parceiros informaram que ao preparar em casa receitas constantes dos BID ou outras, utilizando ingredientes da cesta de produtos orgânicos e artesanais, fotografavam os pratos e publicavam as imagens em redes sociais marcando a página do Instagram da Acolhida na Colônia. Trata-se de uma iniciativa que, sem dúvida, valoriza a Acolhida e auxilia na divulgação do Território. Em relação a esse ponto, convém recuperar Mendes (2016, p. 03) que menciona a importância da "criação de ferramentas na internet" para a aproximação agricultor-consumidor e para "a melhoria contínua dos processos sociais de produção, distribuição e consumo", bem como para combater "concorrências predatórias e desigualdades no acesso à comida". Da mesma maneira, há indicativos de que os procedimentos adotados nas cestas em venda direta contribuíram para tornar o consumidor um parceiro ativo, capaz de produzir e divulgar o conhecimento e de desenvolver a inovação dentro da CBST, além de auxiliar na sua disseminação (FANTINI; ROVER; CHIODO e ASSING, 2018). Ao mesmo tempo, nota-se a motivação dos produtores em "encontrar e conhecer os consumidores e de criar um relacionamento de longo prazo com eles" (FANTINI; ROVER; CHIODO e ASSING, 2018, p. 519), o que representa um esforço de orientação para o mercado, ou pelo menos, a esse tipo de circuito curto.

No que se refere à produção agrícola e à prestação de serviços, os(as) entrevistados(as) foram perguntados sobre como a participação na comercialização das cestas de produtos orgânicos e artesanais da Acolhida na Colônia afetou a visão deles(as) no que se refere à realização das atividades agrícolas e das atividades de agroturismo na propriedade. Vale a pena recuperar as respostas mais significativas (as outras respostas voltaram a mencionar as vantagens da venda direta).

[...] Percebemos a importância dessa atividade e de ter a propriedade sempre diversificada. As duas atividades (agroturismo e venda de produtos) se complementam. (Agricultor-a 1)

As duas atividades se complementam. Nesse momento de pandemia, que prejudica a vinda de turistas, é fundamental que tenham a comercialização de produtos. Durante a pandemia vimos que não basta ter apenas o empreendimento turístico, precisa ter a produção, pois nesse momento as pessoas param de viajar, mas de comer, ninguém para. (Agricultor-a 2)

Reforçou a ideia que já tínhamos. A de que a força e a resiliência estão na agricultura agroecológica. Essa é a base. Compartilhar isso por meio do agroturismo é só uma consequência. É um passo posterior e que acrescenta. Mas não o único e (nem) objetivo final. (Agricultor-a 4)

Percebemos que não podemos parar com a agricultura. Pelo contrário, devemos diversificar e aumentar a quantidade das produções. (Agricultor-a 7)

O agroturismo valorizou ainda mais a atividade [agrícola] que desenvolvemos. (Agricultor-a 8)

Nossa atividade de agroturismo está relacionada à visita na propriedade e comercialização dos produtos para os turistas. Com a participação no grupo [de cestas em venda direta] pudemos ver que existe uma demanda variada e que podemos ampliar a produção de perecíveis para oferta na propriedade (Agricultor-a 9).

O que se delineia é uma visão de maior equilíbrio entre as duas atividades e até de ênfase na produção agrícola. Nesse sentido, foi importante ter apresentado uma pergunta sobre a visão futura dos(as) entrevistados(as), em um horizonte próximo de cinco anos, em relação ao agroturismo e à agricultura (Quase só agricultura? Quase só turismo? Quanto de um? Quanto de outro?). Em síntese, as perspectivas de aumentar e diversificar as atividades agrícolas foram apresentadas por quatro agricultores(as), a de mantê-las como estão por um(a) agricultor(a), e a de ampliá-las por dois(as). Na quantificação, os percentuais por eles(as) projetados estão apresentados na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Comparativo das atividades de agricultura e agroturismo
projeção para 5 anos nas 9 propriedades.

Agricultor	% Agricultura	% Agroturismo
01	70	30
02	60	40
03	70	30
04	70	30
05	70	30
06	60	40
07	50	50
08	80	20
09	80	20

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Os dados indicam que a instabilidade do período de pandemia acabou fortalecendo o princípio do agroturismo sempre sustentado pela perspectiva da Acolhida na Colônia: a manutenção nas Unidades Familiares de Produção da agricultura familiar e da agroecologia como referência e como prática. Ressalte-se que este preceito vinha sendo esquecido, ou mesmo negado, por alguns agricultores(as) e era constante fonte de tensão entre os associados e de parte destes com a direção da Acolhida. É pertinente, mais uma vez, apresentar as respostas:

Eu nos vejo trabalhando bastante na produção agrícola. Em relação ao turismo, pretendemos continuar, mas repensar a forma de trabalhar. Pois, no momento, está sendo muito exaustivo e insustentável. Pretendemos manter a estrutura atual de turismo, mas com menor demanda de turistas. Talvez sem a oferta de algumas refeições. (Agricultor-a 1)

Vai ter ampliado mais a agricultura, com a produção [...] orgânica para beneficiamento na agroindústria permitindo a implantação de novos atrativos turísticos na propriedade. Não pretendemos ampliar as estruturas de alimentação e hospedagem. [...] (Agricultor-a 2)

Tenho bastante afinidade com agricultura e sinto que precisamos plantar para buscar autonomia em boa parte de nossas necessidades. (Agricultor-a 3)

Não será muito diferente de agora, com grande foco na agricultura e compartilhar no agroturismo a partir disso. Mas acreditamos que os processos estarão mais evoluídos e estabilizados. [...] Esperamos comercializar os produtos mais dentro da própria propriedade, fazer oficinas ou visitas guiadas. Continuar com as hospedagens do jeito que já estão: esporádicas, quando não comprometem a atividade agrícola. (Agricultor-a 4)

Pretendemos ter mais agricultura, com foco em visitas técnicas, cursos e um pouco de colha-e-pague. (Agricultor-a 5)

Mais agricultura. E um projeto de [...] criação animal. (Agricultor-a 6)

[A] tendência é de equilibrar. Com o aumento no atendimento de turistas e com a pretensão de oferta de um café. (Agricultor-a 9)

O que se aponta é que a crise provocada pela pandemia da Covid-19 representou uma oportunidade para reposicionar o desenvolvimento do turismo enquanto atividade complementar e vinculada à produção agrícola. Essa recentragem, por sua vez, parece ter sido fundamental para a resiliência da Associação perante a mesma crise sanitária, econômica e social.

Serão tratadas, agora, duas perguntas que dizem respeito à relação das cestas de venda direta com as CBST. Em uma delas interrogam-se os(as) agricultores(as) sobre a influência da imagem do território nas vendas dos seus produtos agrícolas. As réplicas foram as seguintes, podendo ser divididas em três blocos. No primeiro, estão aqueles que reconhecem e valorizam o território e sua imagem.

O nosso território se vende muito fácil. Como tem a Agreco e a Acolhida na Colônia, ele é bem conhecido e valorizado. Com certeza, o surgimento dessas duas entidades influencia na qualidade dos produtos daqui. Podemos dizer que é como uma Indicação Geográfica. Qualquer coisa que produzimos aqui e divulgamos como sendo de Santa Rosa de Lima, vendemos. (Agricultor-a 1)

A imagem do território é fundamental para fortalecer e ampliar a comercialização. Porque ele já tem um histórico, uma garantia, já traz confiança para o consumidor. Por estarmos nesse território já temos uma credibilidade a mais perante o consumidor. (Agricultor-a 2)

A construção do território das Encostas da Serra Geral permite a seus moradores desenvolver atividades sustentáveis que estreitam relações produtores com consumidores. Demora! Mas, colhemos os frutos mais tarde. (Agricultor-a 3)

Acredito que [a imagem do território influencia] bastante, pois as pessoas atualmente gostam de conhecer de onde vem o alimento que comem. (Agricultor-a 5)

[A imagem do território traz] credibilidade, confiança e garantia de qualidade. (Agricultor-a 7)

Note-se que a construção e a imagem do território são reconhecidas como um processo que demora, mas traz frutos. Um(a) agricultor(a) chega a dizer que é como uma Indicação Geográfica. Uma ressalva é importante, há uma restrição ou identificação do espaço geográfico ao município de Santa Rosa de Lima, ponto a ser ainda retomado. Isso talvez faça com que agricultores(as) de outros municípios tenham mais dificuldade em reconhecer o território e sua imagem.

[...] A pergunta pressupõe que exista uma imagem do território. Que não sabemos exatamente qual é. E que ela influenciou as vendas. Não sabemos muito sobre isso. Mas, mais do que a imagem do território, acreditamos que foi a imagem da Acolhida – associada à agricultura familiar, ao tradicional, ao agroecológico, ao caseiro e simples – que influenciou. (Agricultor-a 4)

A prerrogativa dada à Acolhida na Colônia e a sua imagem é seguida, inclusive, por agricultores(as) que vivem em Santa Rosa de Lima e que têm alta ligação com a Associação.

A imagem do Território acredito não influenciou. Acredito que a influência é maior da marca Acolhida na Colônia. (Agricultor-a 6)

Há ainda agricultores(as) que, antes voltados mais ao grande circuito, passam neste momento a reconhecer e a valorizar mais a comercialização local. Eles veem, assim, o território em uma perspectiva de dinâmica interna e menos de imagem de marca.

As vendas locais estão cada vez mais se ampliando. Antes o público da própria cidade consumia poucos alimentos orgânicos e/ou coloniais. E a procura tem aumentado. (Agricultor-a 9)

Finalmente, foi apresentada uma questão sobre a relação entre a imagem do território onde está a propriedade dos(as) agricultores(as) e a atração de turistas para ela. As respostas foram as seguintes, sendo possível dividi-las em dois blocos. No primeiro, de novo, estão aqueles(as) que manifestam reconhecimento ao território, a sua imagem e, por consequência, a sua influência.

As pessoas buscam o território e a propriedade pela valorização que ele tem, somada às belezas naturais, o paredão da Serra, a preservação ambiental, o título de [capital da] agroecologia do município. A maioria dos turistas já conhece a Agreco e a

Acolhida na Colônia valoriza a agroecologia e por isso chegam até a Pousada. (Agricultor-a 1)

Acredito que a busca de novidades e a relação harmoniosa com a natureza que desenvolvemos nesse território faz com que pessoas de fora se aproximem em busca da harmonia homem/natureza. (Agricultor-a 3)

Acreditamos que a ideia de natureza, de preservação, de tranquilidade, de silêncio, de ar puro e de saúde é que tem atraído as pessoas. Outra forma de viver. (Agricultor-a 4)

Os visitantes vêm à Santa Rosa de Lima por conta da imagem de que o município é a Capital Catarinense da Agroecologia e o berço da Acolhida na Colônia. Vêm em busca de conhecer a produção orgânica e o agroturismo. (Agricultor-a 6)

Os turistas buscam o que o território oferece, contato com a natureza, troca de experiências, produtos orgânicos e uma boa comida caseira e orgânica. (Agricultor-a 7)

Os(as) entrevistados(as) enunciam bens sociais e ambientais presentes no território, o que Pecqueur (2007, p. 114) denomina de excedentes e que apareceriam para o consumidor como um "conjunto específico do local". Seria possível, portanto, falar em CBST. Parece haver, da mesma forma, "a articulação de ações mercantis e não-mercantis entre atores locais" com o propósito de "criar uma oferta variada de peculiaridades territoriais", mencionada por Cazella et al. (2020, p. 194) para as CBST. Essas peculiaridades estão ligadas a "modos de produção de qualidade específicos (identidade territorial, um saber-fazer, inovações etc.) e serviços de qualidade territorial", a "alianças de proximidade" e aos "bens públicos", "elementos" que compõem a Cesta de Bens e Serviços Territoriais (PAULA, 2019).

Outra posição é apresentada por alguns agricultores(as), para os(as) quais "a percepção como território parece não estar muito presente na decisão de vinda dos turistas" (Agricultor-a 9). Dessa forma, preferem centrar sua visão no potencial para mostrar as particularidades da Unidade Familiar de Produção, especialmente nas opções produtivas e de modo de vida (Agricultor-a 5). Um(a) entrevistado(a) ponderou:

A maioria dos turistas nesse momento de pandemia busca uma alimentação saudável e busca a propriedade por ser um local mais isolado, com atrativos, sem aglomerações e que já tem um nome. Durante a pandemia, são poucos os turistas que vieram pra cá e que conhecem a Agreco, a Acolhida e o território. Percebemos que a pandemia trouxe um público que veio à procura de isolamento. (Agricultor-a 2)

Não fica nítido, entretanto, como o turista teve acesso às informações sobre o nome – ou a reputação – da propriedade, ou como descobriu esse local mais isolado, onde poderia ter certeza de afastamento da aglomeração e a convicção de encontrar uma alimentação saudável. Em consequência, optou-se por julgar que as motivações de compra de bens e serviços estão ligadas ao território e a sua imagem e a sua marca, como uma Indicação Geográfica, nas palavras de um(a) entrevistado(a).

Mais uma vez é preciso salientar o desvio santarosalimense da noção de território em construção. Há nas entrevistas uma explícita citação à Capital Catarinense da Agroecologia e ao berço da Acolhida na Colônia e uma associação direta do município de Santa Rosa de Lima com agroecologia, com uma suposta harmonia homem/natureza, com ar puro e com saúde. O próprio fato de nove dos doze fornecedores das cestas em venda direta serem de Santa Rosa de Lima indica esse viés, sendo os outros três, cada um, de três diferentes municípios. Dos nove respondentes, seis são do município citado. Como visto no Capítulo 3, o total de associados à Acolhida Encosta da Serra Geral é de vinte e sete agricultores(as), distribuídos em sete municípios. Assim, novos esforços e novas experiências precisam ser somados às existentes, para desenvolver novos produtos e serviços e para fortalecer cada vez mais o território em construção. Este estudo indica que o robustecimento do enfoque CBST, nas análises e nas ações, pode ser um significativo reforço. O fato de oferecer os produtos orgânicos e artesanais nas cestas da Acolhida na Colônia, ao fazer com que muitos turistas e consumidores se relacionem com o território e com as famílias que nele produzem bens (os alimentos) e fornecem serviços (agroturísticos e outros) parece contribuir nessa direção. Por intermédio do Boletim Informativo e das redes sociais apontou-se uma nova forma de vender o Território, ou seja, o solidário e não o solitário, como dizia o professor Wilson Schmidt, e a cesta e não os produtos ou os serviços de forma isolada.

Em suma, o estudo serviu para reforçar a convicção de que a iniciativa das cestas de produtos orgânicos e artesanais contribui com o enfoque da CBST e para o desenvolvimento do Território das Encostas da Serra Geral. Segundo Paula (2019), avalia-se que a implantação das CBST pode ser uma oportunidade estratégica para consolidar as diversas iniciativas já existentes no território, no campo da articulação interinstitucional, na implantação de agendas regionais abrangentes e integradas e de ações de sustentabilidade para o desenvolvimento do território. Afinal, o intuito dos(as) agricultores(as) da Acolhida na Colônia, conforme indicam as respostas ao questionário apresentado, é fortalecer cada vez mais a agroecologia no território e por meio do agroturismo receber o turista-consumidor e comercializar o território, ou seja, a CBST, composta por bens e serviços privados, produtos orgânicos, hospedagem, refeições típicas, vivências etc., e públicos, paisagem, paredão da serra, cultura, rios e cachoeiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Encostas da Serra Geral é uma região pioneira, em Santa Catarina, no esforço de construir socialmente um território rural centrado na agroecologia e no agroturismo. Com base nesse esforço e com o agravamento da pandemia do Novo Coronavírus, em março de 2020, os agricultores associados à Acolhida passaram a se dedicar exclusivamente à agricultura orgânica e para escoar a produção em crescimento foi implantado um projeto de cestas de alimentos orgânicos em venda direta.

No início, esses produtos foram ofertados de forma isolada. Logo, avaliou-se que era indispensável haver mais interação com a construção do território das Encostas da Serra Geral, envolvendo o agroturismo, a agroecologia, a paisagem e a cultura. Surgiram assim reflexões iniciais sobre a possível sinergia entre as cestas de alimentos orgânicos em venda direta e a abordagem, ou enfoque, das CBST. Em suma, a pergunta era se as primeiras reforçariam a segunda. Esta monografia resulta desse contexto, buscando sistematizar e, nos limites de uma Especialização, aprofundar tal reflexão. Uma melhor compreensão sobre questões relacionadas às CBST – como conceito, como enfoque e como produto territorial – parecia indicar uma maior capacidade de ação no processo de Desenvolvimento Territorial que vem ocorrendo nas Encostas da Serra Geral. Ao mesmo tempo, a construção de novas experiências, novos produtos e novos serviços nas Encostas da Serra Geral contribuiria para o fortalecimento das CBST e, por consequência, da construção do Território.

Considerando que o tema CBST ainda é pouco estudado no Brasil, avaliou-se que uma pesquisa em um TCC poderia contribuir com dados e com alguma originalidade a partir das reflexões concernentes ao assunto. Mais especificamente, buscou-se analisar se as cestas de produtos orgânicos e artesanais em venda direta, propostas pela Acolhida na Colônia durante a pandemia da Covid-19, contribuiu para – ou fortalece – a aplicação do enfoque de CBST no Território em construção das Encostas da Serra Geral.

Ao fim, o estudo realizado indica que o robustecimento do enfoque CBST, nas análises e nas ações, pode ser um significativo reforço à construção do território. Ao mesmo tempo, aponta que a oferta de produtos orgânicos e artesanais nas cestas em venda direta da Acolhida na Colônia, ao fazer com que muitos turistas e consumidores se relacionem com o território e com as famílias que nele produzem bens (os alimentos) e fornecem serviços (agroturísticos e outros) contribui para a abordagem CBST. Em síntese, o estudo serviu para reforçar a ideia de

que a iniciativa das cestas de produtos orgânicos e artesanais contribui com o enfoque da CBST e para o desenvolvimento do Território das Encostas da Serra Geral.

Considerando que, em função da pandemia, a realização de encontros, reuniões, pesquisa, atividades de campo, entre outras atividades presenciais, foi limitada, aponta-se para a necessidade da continuidade deste esforço de pesquisa. Será fundamental, além de ampliar levantamentos com a totalidade dos associados da Acolhida na Colônia Encostas da Serra Geral, alargar as pesquisas para ouvir outras instituições que atuam na região e disputam projetos para ela, ou constroem outros territórios no mesmo espaço geográfico, ou seja, para analisar a sinergia entre atividades que representam inovação, como as cestas em venda direta e a abordagem das CBST, é preciso refletir também sobre a governança local no território das Encostas da Serra Geral.

REFERÊNCIAS

- A LA RECHERCHE** du Panier de Biens: un nouveau regard sur le développement des territoires. Direção: Gilberte Brémond, Véronique Quiblier, Michel Jabrin, Amédée Mollard, Bernard Pequeuer, Emmanuel Ravalet e Daniel Roybin. Realização de Michel Brun. Grenoble, França: Tpr Rhône Alpes, 2010. (30 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FJepQ3I-Nxc>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- ACOLHIDA NA COLÔNIA. ATA. Santa Rosa de Lima, 27 mar. 2020. Assunto: Cestas. 2020a.
- ACOLHIDA NA COLÔNIA. ATA. Santa Rosa de Lima, 10 jul. 2020. Assunto: Cestas. 2020b.
- ACOLHIDA NA COLÔNIA. ATA. Santa Rosa de Lima, 18 ago. 2020. Assunto: Cestas. 2020c.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ANDRADE, Ana Paula Cavalheiro de. **Diagnóstico de variedades locais e as razões subjacentes à prática da conservação. Estudo de caso nos municípios de Anitápolis – SC e Santa Rosa de Lima – SC**. 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Curso de Pós-graduação em Agroecossistemas, UFSC, Florianópolis, 2003.
- AZEVEDO, Elaine de; SCHMIDT, Wilson; KARAM, Karen Follador. Agricultura familiar orgânica e qualidade de vida: um estudo de caso em Santa Rosa de Lima, SC, Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 81-106.
- CAZELLA, Ademir A.; BONNAL, Philippe; MALUF, Renato S. **Agricultura familiar: Multifuncionalidade e Desenvolvimento Territorial no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2009.
- CAZELLA, Ademir Antonio et al. O enfoque da Cesta de Bens e Serviços Territoriais: seus fundamentos teóricos e aplicação no Brasil. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 16, n. 3, p. 193-206.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FANTINI, Andrea. **Agroturismo e Orientação aos Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos Orgânicos: Estudo de Caso ‘Acolhida na Colônia’**. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural e Desempenho Ambiental) – Pós-graduação em Agroecossistemas, UFSC, Florianópolis, 2016.
- FANTINI, Andrea; ROVER, Oscar José; CHIODO, Emilio; ASSING, Lucilene. Agroturismo e Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos Orgânicos na Associação ‘Acolhida na

Colônia' - SC/Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, [S.L.], v. 56, n. 3, p. 517-534. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1234-56781806-94790560310>.

GELBCKE, Daniele Lima. **Agroturismo e Produção do Espaço nas Encostas da Serra Geral: entre a ideia e a prática. 2006. 199 f.** Dissertação (Mestrado em Geografia, Desenvolvimento Regional e Urbano) - Desenvolvimento Regional e Urbano, UFSC, Florianópolis, 2006.

GRADE, Marlene. **Fórum do Maciço do Morro da Cruz e AGRECO como espaço transitório: germinando a espacialização de relações solidárias em Santa Catarina. 2006. 407 f.** Tese (Doutorado em Geografia, Desenvolvimento Regional e Urbano) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2006.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** Campinas: Unicamp - Instituto de Economia, 1996.

GROSSI, Mauro Eduardo del. **Evolução das ocupações não agrícolas no meio rural brasileiro 1981 - 1995.** 1999. 283 f. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 1999.

GUZZATTI, Thaise Costa. **O agroturismo como elemento dinamizador na construção de territórios rurais: o caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima (SC).** 2010. 283 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2010.

GUZZATTI, Thaise Costa; TURNES, Valério Alécio; BASTEZINI, Daiana Andreia. **COOPERAGRECO: seus desafios e suas conquistas - Cooperativa de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (Santa Catarina).** Rio de Janeiro: Sociedade Nacional da Agricultura, 2012.

GUZZATTI, Thaise Costa; Turnes, Valério Alécio. **O papel da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC) na construção de políticas públicas de turismo focadas no desenvolvimento rural e na promoção da agricultura familiar.** Gestão Social como caminho para a redefinição da esfera pública. Florianópolis. 2011.

INTERFACE HOSPITALIDADE TURISMO. **Estratégia de Desenvolvimento Turístico Serra & Mar SC - Produto 3.** Ministério do Turismo e Associação dos Municípios da Região de Laguna, 2019.

IZIQUE, Claudia. O Novo Rural Brasileiro: reduziu-se o abismo tradicional entre meios urbanos e rurais. **Revista Pesquisa Fapesp**, ed. 52, São Paulo, p. 48-55.

KONDER, L. **O que é dialética.** Coleção Primeiros Passos: 23. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

LEFF, H. Agroecologia e Saber Ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.** Porto Alegre, v. 3, n.1, jan./mar, 2002.

LIMA, Letícia; SILVA, Leonardo Xavier da; FORNO, Marlise A. R. dal. A Evolução Histórica dos Conceitos de Território/Territorialidade no contexto do Desenvolvimento Rural. **Caderno de Estudos Interdisciplinares**, UFRS, n. 1, p. 1-11.

MENDES, Rafael de Souza. **Cloud Farming** - Tecnologia para liberdade e segurança alimentar. Florianópolis: Sancroix Cloud Business, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **BOLETIM: Experiências do Turismo Rural**. 7 ed. Brasília: RIMT - Rede de Inteligência do Mercado de Turismo, 2020.

MULLER, Jovânia Maria. Do tradicional ao agroecológico, do agrícola ao agroindustrial: transições vividas pelos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima. *In*: SCHMIDT, Wilson. **Agroecologia sem agricultores locais?: uma reflexão sobre implicações da agroindustrialização em projetos de desenvolvimento sustentável de territórios rurais**. Florianópolis: Neo Edu Campo UFSC, 2016.

OUROFINO, Gabriela Guimarães. **Encostas da Serra Geral de Santa Catarina: estudo preliminar e proposição para que seja requerida a chancela da Paisagem Cultural Brasileira**. 2011. 123 f. TCC (Graduação em Agronomia) - Centro de Ciências Agrárias, UFSC, Florianópolis, 2011.

PAULA, Leandro Guimarães Nunes de. **Cesta de Bens e Serviços Territoriais: uma possível estratégia de Desenvolvimento Territorial para a Serra Catarinense?**. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas, UFSC, 2019.

PECQUEUR, Bernard. Qualidade e Desenvolvimento Territorial: a hipótese da Cesta de Bens e de Serviços Territorializados. **Eisforia**, Florianópolis, v. 1, n. 4, p. 135-153.

PECQUEUR, Bernard et al. **Programa Interinstitucional de Apoio ao Desenvolvimento Territorial: a abordagem “Cesta de Bens e Serviços Territoriais” e a construção de uma agenda incluyente em Santa Catarina**. Florianópolis, 2017.

PINHEIRO, Sergio Leite Guimarães et al. **Dinâmicas Territoriais Sustentáveis Inovadoras na Agricultura Familiar: A Construção de Cestas de Bens e Serviços com Identidade Cultural em Santa Catarina**. *Agricultura Familiar*, Belém, v. 1, n. 10, p. 103-114.

RIBEIRO, José Renato. Território e políticas de desenvolvimento territorial no Brasil: conceitos, desafios e possibilidades a partir da governança. **Para Onde?**, Porto Alegre, v. 1, n. 11, p. 75-82. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SCHMIDT, Wilson. A agroindustrialização dos alimentos produzidos pelos colonos nas Encostas da Serra Geral: a perspectiva de um ator social. *In*: SCHMIDT, Wilson. **Agroecologia sem agricultores locais?: uma reflexão sobre implicações da**

agroindustrialização em projetos de desenvolvimento sustentável de territórios rurais. Florianópolis: Nea Educampo/UFSC, 2016.

TECCHI, Andréia et al. Desenvolvimento Territorial no Extremo Oeste de Santa Catarina: a abordagem da Cesta de Bens e Serviços Territoriais. **Revista Política e Planejamento Regional**, Rio De Janeiro, v. 1, n. 8, p. 1-20.

APÊNDICE A - Questionário

Perguntas enviadas para os associados que comercializam através das cestas de produtos orgânicos e artesanais da Acolhida na Colônia:

1. Como você avalia a venda direta para grupo de consumidores, realizada no período mais crítico da pandemia? No que ela foi importante para a sua propriedade?
2. Como a participação nessas vendas afetou a sua visão sobre a realização das atividades agrícolas e das atividades de agroturismo na propriedade?
3. No que a imagem do território onde está a sua propriedade influenciou suas vendas de produtos agrícolas?
4. No que a imagem do território onde está a sua propriedade influenciou a atração de turistas para a sua propriedade?
5. Em relação ao agroturismo e agricultura como você acha que vai estar sua propriedade daqui a cinco anos? Quase só agricultura? Quase só turismo? Quanto de um? Quanto de outro?

ANEXO A – Lista de produtos

Orgânicos Acolhida na Colônia						
Lista de Produtos para 15/04/2020.						
**INFORME APENAS A QUANTIDADE NA LINHA DO PRODUTO. O CÁLCULO SERÁ EFETUADO AUTOMATICAMENTE NO FINAL DA PLANILHA.						
Produtos Orgânicos e com Ingredientes Orgânicos*					Pedido	
Linha Doce	Un.	Peso	Preço Un.	Produtor	Quant.	TOTAL
Açúcar Demerara	Pc	500g	R\$ 8,00	Associado 01		R\$ 0,00
Bala de Banana	Pc	100 g	R\$ 8,00	Associado 02		R\$ 0,00
Banana Passa	Pc	100g	R\$ 7,00	Associado 02		R\$ 0,00
Banana Passa com Gengibre	Vid	100g	R\$ 7,00	Associado 02		R\$ 0,00
Doce Cremoso de Banana	Vid	250g	R\$ 12,00	Associado 03		R\$ 0,00
Doce Cremoso de Figo	Vid	250g	R\$ 13,00	Associado 03		R\$ 0,00
Doce de Goiaba	Vid	250g	R\$ 10,00	Associado 04		R\$ 0,00
Doce de Leite	Vid	240g	R\$ 10,00	Associado 02		R\$ 0,00
Geleia de Amora	Vid	240g	R\$ 10,00	Associado 02		R\$ 0,00
Geleia de Jabuticaba	Vid	250g	R\$ 10,00	Associado 04		R\$ 0,00
Geleia de Morango	Vid	250g	R\$ 13,00	Associado 03		R\$ 0,00
Mel Silvestre	Balde	5 kg	R\$ 120,00	Associado 05		R\$ 0,00
Mel Silvestre	Vid	450g	R\$ 16,00	Associado 05		R\$ 0,00
Melado	Vid	300 g	R\$ 9,00	Associado 01		R\$ 0,00
Melado	Vid	450g	R\$ 10,00	Associado 01		R\$ 0,00
					Subtotal	R\$ 0,00
Linha Conservas, Molhos e Manteigas	Un.	Peso	Preço Un.	Produtor	Quant.	TOTAL
Conserva de mini milho	Vid	300g	R\$ 12,00	Associado 06		R\$ 0,00
Manteiga Ghee	Vid	240g	R\$ 12,00	Associado 02		R\$ 0,00
Molho de pimenta da Bibi	Vid	190g	R\$ 14,00	Associado 01		R\$ 0,00
Pesto PANCS	Vid	220g	R\$ 12,00	Associado 03		R\$ 0,00
					Subtotal	R\$ 0,00
Linha de Legumes e Frutas	Un.	Peso	Preço Un.	Produtor	Quant.	TOTAL
Abóbora Paulistinha	Pc	Kg	R\$ 4,00	Associado 03		R\$ 0,00
Açafrão / Cúrcuma	Pc	100g	R\$ 3,00	Associado 02		R\$ 0,00
Açafrão / Cúrcuma em pó	Vid	100g	R\$ 22,00	Associado 02		R\$ 0,00
Aipim	Pc	kg	R\$ 4,50	Associado 06		R\$ 0,00
Banana Branca	Pc	kg	R\$ 4,00	Associado 04		R\$ 0,00
Batata Doce	Pc	Kg	R\$ 5,50	Associado 06		R\$ 0,00
Batata Yacon	Pc	Kg	R\$ 6,00	Associado 05		R\$ 0,00
Cebola	Pc	Kg	R\$ 6,50	Associado 04		R\$ 0,00
Cebolinha desidratada	Vid	20g	R\$ 9,00	Associado 05		R\$ 0,00
Ervas do campo desidratadas	Vid	20g	R\$ 9,00	Associado 05		R\$ 0,00

Feijão carioca	Pc	Kg	R\$ 14,00	Associado 04		R\$ 0,00
Feijão preto	Pc	Kg	R\$ 12,00	Associado 04		R\$ 0,00
Flor de hibisco desidratada	Pc	30g	R\$ 12,00	Associado 02		R\$ 0,00
Gengibre	Pc	100g	R\$ 3,00	Associado 02		R\$ 0,00
Laranja açúcar	Pc	Kg	R\$ 4,00	Associado 04		R\$ 0,00
Limão cravo	Pc	Kg	R\$ 3,00	Associado 06		R\$ 0,00
Manjeriço desidratado	Vid	30g	R\$ 9,00	Associado 05		R\$ 0,00
Maxixe	Pc	Kg	R\$ 4,00	Associado 03		R\$ 0,00
Milho verde	Um	Espiga	R\$ 1,50	Associado 05		R\$ 0,00
Orégano desidratado	Vid	30g	R\$ 9,00	Associado 06		R\$ 0,00
Salsinha desidratada	Vid	30g	R\$ 9,00	Associado 06		R\$ 0,00
					Subtotal	R\$ 0,00
Linha de Farinhas						
	Un.	Peso	Preço Un.	Produtor	Quant.	TOTAL
Polvilho Azedo	unid	--	R\$ 7,00	Associado 04		R\$ 0,00
					Subtotal	0
Linha de Pães e Biscoito						
	Un.	Peso	Preço Un.	Produtor	Quant.	TOTAL
Pão Integral *	unid	400 g	R\$ 10,00	Associado 04		R\$ 0,00
Biscoito de Polvilho*	Pc	200 g	R\$ 7,00	Associado 04		R\$ 0,00
Pão de fermentação natural*	Unid	750 g	R\$ 17,70	Associado 03		R\$ 0,00
Pão de fermentação natural*	Unid	1 Kg	R\$ 22,60	Associado 03		R\$ 0,00
					Subtotal	R\$ 0,00
Linha de Cosméticos Naturais						
	Un.	Peso	Preço Un.	Produtor	Quant.	TOTAL
Creme de rosto de gerânio rosa 25 g	Pote	25g	R\$ 17,00	Associado 03		R\$ 0,00
Creme de rosto de gerânio rosa 90 g	Pote	90g	R\$ 34,00	Associado 03		R\$ 0,00
Creme de rosto de lavanda 25 g	Pote	25g	R\$ 17,00	Associado 03		R\$ 0,00
Creme de rosto de lavanda 90 g	Pote	90g	R\$ 34,00	Associado 03		R\$ 0,00
Desodorante natural 60 g	Pote	60g	R\$ 24,00	Associado 03		R\$ 0,00
Desodorante natural 25 g	Pote	25g	R\$ 12,00	Associado 03		R\$ 0,00
Pomada de calêndula	Pote	25g	R\$ 18,00	Associado 03		R\$ 0,00
Sabonetes	Unid	90g	R\$ 11,00	Associado 03		R\$ 0,00
Sabonetes para presentear	Inid	90g	R\$ 13,00	Associado 03		R\$ 0,00
					Subtotal	R\$ -
Resumo da Compra						
						SUBTOTAL
Linha Doce						R\$ 0,00
Linha Conservas, Molhos e Manteigas						R\$ 0,00

<i>Linha de Legumes e Frutas</i>	R\$ 0,00
<i>Linha de Farinhas</i>	R\$ 0,00
<i>Linha de Pães e Biscoito</i>	R\$ 0,00
<i>Linha de Cosméticos Naturais</i>	R\$ 0,00
Total	R\$ 0,00



DA HORTA À MESA

**ENTREGA DE CESTA DE PRODUTOS
ORGÂNICOS E ARTESANAIS**



Queridos consumidores

Inicialmente queremos agradecer a confiança e empenho de todos vocês em participar da nossa Campanha da Horta à Mesa, que visa aproximar produtores e consumidores na comercialização de alimentos orgânicos, agroecológicos e artesanais.

Esta ação tem sido fundamental para todos nós neste período de crise provocada pelo COVID

QUEM SOMOS NÓS?

Somos um grupo de agricultores familiares da Comunidade do Alimento (Movimento Slow Food) e membros da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia. Para nós o agroturismo é uma oportunidade de compartilhar nossos saberes, nossa cultura e modo de vida. É valorizar e criar oportunidades para a agricultura familiar, a principal responsável pela produção de alimentos no Brasil. Através da produção orgânica e agroecológica também cuidamos da terra, dos mananciais de água, das matas, da paisagem e ainda compartilhamos tudo isso com quem nos visita. Ao apoiar nosso trabalho, vocês estão fazendo mais do que consumir alimentos saudáveis! Estão contribuindo para a nossa permanência no campo!



DEPOIMENTO



PANDEMIA E AGROECOLOGIA - A VISÃO DE QUEM PRODUZ

PANDEMIA E AGROECOLOGIA - A VISÃO DE QUEM PRODUZ

Essa pandemia é um distúrbio que não temos como resistir, ela veio e se espalhou, afetou várias atividades inclusive o turismo. Mas dá para encontrar novas formas de novos equilíbrios. Conseguir fazer isso não é por acaso, vem da resiliência que traz a agroecologia, que parece um trabalho de formiguinha, invisível para muitos, mas que dá resultado. Essa é a grande fortaleza da Acolhida ao meu ver e que se tornou muito evidente nesse momento: somos agricultores agroecológicos e que acolhemos o turismo não o contrário.

Particularmente estar vivenciando isso nesse momento é bem forte. O que parecia apenas teoria, discurso ou utopia está evidente na realidade: a autonomia, a capacidade do sistema responder a uma demanda maior, a resiliência (do sistema e dos corpos também). Não foi difícil conceber não poder sair, porque temos tudo (ou quase) que possibilita a continuidade da vida, desde alimentos até sementes, formas de manejo pouco dependentes de combustível fóssil, manejo das águas (cobertura do solo, diminuição de possibilidades de erosão).

A epidemia, além de tudo, coincidiu com período de seca (os riachos estão rasos, os reservatórios/açudes também). Precisar de menos água por ter optado por um sistema produtivo de agrofloresta está sendo importante.

CÁTIA E DAPHNE
Agricultoras do
Sítio Aimotuá
Anitápolis

NOSSAS DICAS

Medidas de proteção ao coronavirus!

Tomamos os cuidados devidos na manipulação dos nossos produtos como uso de máscaras e higienização das mãos. Mas e vocês, sabem como higienizar corretamente os alimentos?

Como higienizar frutas, legumes e verduras:

- 1) Lavar em água corrente e, se possível, usar uma escovinha para tirar a sujeira maior.
- 2) Colocar em solução contendo 1 a 2 colheres (sopa) de vinagre em um litro de água, por 5 a 10 minutos. O vinagre ajudará a desgrudar os microrganismos da casca e superfície dos alimentos, mas não os mata.
- 3) Colocar os alimentos de molho em outra solução, contendo 1 colher (sopa) de hipoclorito (ou água sanitária) diluído em um litro de água, também por 5 a 10 minutos. Essa solução irá matar os microrganismos que ainda estiverem presentes.
- 4) Enxaguar os produtos em bastante água corrente para retirar resíduos do hipoclorito. Então, estarão prontos para consumir ou guardar na geladeira.



Bora fazer um receitinha de pão de queijo com o polvilho orgânico da sua cesta ?

Pão de Queijo



PÃO DE QUEIJO DE LIQUIDIFICADOR, RECEITA DA LEDA.

ingredientes	preparo
<ul style="list-style-type: none"> • 3 ovos • 1 xícara de leite • 1 xícara de óleo • 100 g de queijo • 2 1/2 xícaras de polvilho azedo • 1 colherinha de sal 	<ul style="list-style-type: none"> • Bater todos os ingredientes no liquidificador. • Untar as forminhas. • Colocar a massa até um pouco acima da metade das forminhas. • Assar por 30 min em forno pré aquecido a 180°C.

POUSADA DOCE ENCANTO, SANTA ROSA DE LIMA, SC.

Acompanhe nosso trabalho:

Instagram:

Pousada Chalés Assing (@pousadachaleassing)
 Pousada Doce Encanto (@pousadadoceencanto)
 Pousada Encanto Verde (pousadaencantoverde)
 Pousada Vitória (@pousada.vitoria)
 Sítio Aimotua (@sitio.aimotua)
 Recanto dos orgânicos (<https://acolhida.com.br/destinos/santa-catarina/serra-geral/santa-rosa-de-lima/recanto-dos-organicos/>)

www.acolhidanacolonia

Instagram: @acolhidanacolonia